

A ^{28/10} outubro 1975
Liahona



Publicação mensal
d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Bawn
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
José G.F. Silva, Editor Nacional
Francisco J. P. Souza, Fotógrafo
Bruno Reback, Fotógrafo

REGISTRO

Está assentado no cadastro da
DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F.,
sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo
com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, con-

DESTAQUES

- 3 **Mensagem da Primeira Presidência: Arrependei-vos ou Perecereis** Pres. Marion G. Romney
6 **Diário Mórmon: Chuva, uma Colcha e um Aniversário** Gay Galt
8 **Que Espécie de Homem é Jesus?** John F. Heidenreich
11 **Relatório Estatístico de 1974**
23 **Ser um Digno Portador do Sacerdócio** .. Pres. Spencer W. Kimball
31 **Precisamos de Homens Destemidos** Pres. Marion G. Romney
27 **O Sucesso é Medido pelo Auto-Domínio** Pres. N. Eldon Tanner

SEÇÃO JUVENIL

- 12 **Jimmy Drew — O Limpador de Chaminés** Thomas J. Griffiths
14 **A Transferência para Carltonville** Mark A. Simpkins

SEÇÃO INFANTIL

- 15 **Só Para Divertir**
16 **De um Amigo Para Outro; Um Princípio com Promessa** Elder Marion D. Hanks
18 **Ninguém Igual a Eles**
20 **O Homem que Mediu a Terra** John Hudson Tiner

Capa da Frente: Vista Frontal do Templo de Arizona, fotografado por Frank Gale

Capa de Trás: Jardins do Templo de Arizona, fotografado por Eldon Linschotem

O Templo de Arizona, remodelado recentemente

forme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolião, 201. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeuí n.º 331, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

L. D. S. CHURCH

TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

Mensagem da Primeira Presidência

Arrependei-vos ou Perecereis



Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro da Primeira Presidência

“Portanto, eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre a terra, chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos; e também a outros . . . para que proclamassem estas coisas ao mundo . . .” (D&C 1:17-18)

“Arrependei-vos ou perecereis.” A meu ver, não existe mensagem mais importante para o povo de nossos dias.

Desde os tempos de Adão, as palavras “arrependei-vos ou perecereis” têm sido repetidas solenemente pelo próprio Pai, por seu Filho, Jesus Cristo, e seus representantes autorizados, os profetas.

A legitimidade da mensagem tem sido demonstrada tão regularmente quanto foi declarada.

O Senhor conclamou a primeira geração dos homens a que se “arrependessem”, avisando-os de que “todos os que cressem no Filho, e se arrependessem dos pecados, seriam salvos; e todos os que não cressem e não se arrependessem, seriam condenados.” (Moisés 5:15)

Enoque foi mandado pregar aos antediluvianos: “Vai a este povo e dize-lhe que se arrependa, a menos que eu venha e os açoite com uma maldição, e eles pereçam.” (Moisés 7:10)

Quando Noé ensinava as coisas de Deus ao povo de seu tempo, o Senhor lhe disse: “Meu Espírito nem sempre contenderá com o homem . . . entretanto seus dias serão cento e vinte anos; e se os homens não se arrependerem, mandarei as águas sobre eles.” (Moisés 8:17)

Noé continuou pregando durante o tempo estipulado, porém seus contemporâneos não se arrependiam. Conseqüentemente, foram destruídos pelo dilúvio.

O Livro de Éter relata-nos a história dos Jareditas — um grande país que floresceu na América por cerca de dois mil anos após a confusão de línguas ao ser construída a grande torre. Entre eles “apareceram também muitos profetas, que profetizaram grandes e maravilhosas coisas, clamando arrependi-

mento ao povo e avisando-o de que, se não se arrependesse, o Senhor Deus executaria juízo contra eles, destruindo-os completamente.” (Éter 11:20)

Éter, o último profeta deles que é mencionado, “profetizou ao povo, pois não podia ser impedido em virtude do Espírito do Senhor que estava nele.

“E clamava desde a manhã até o pôr do sol, exortando o povo a crer em Deus, e a se arrepender, para que não fosse destruído . . .” (Éter 12:2-3)

O povo fez ouvidos moucos e mostrou-se hostil a todas essas advertências. Éter chegou a ver e registrar os acontecimentos de uma guerra fratricida, na qual sucumbiram todos os membros daquela sociedade, exceto ele. Exatamente como os antediluvianos, eles aprenderam à força a veracidade da mensagem: “Arrependei-vos ou perecereis.”

Os nefitas, que sucederam aos Jareditas na América antiga, seguiram um rumo semelhante. Seus antepassados, assim como aconteceu aos dos Jareditas e a Colombo, foram divinamente guiados para a América, onde chegaram por volta de 600 A.C. Os descendentes dividiram-se, formando duas nações — os nefitas e os lamanitas.

Terminado seu ministério pós-ressurreição entre seus discípulos nas terras de Jerusalém, Jesus ministrou durante um breve período entre eles aqui na América.

No decorrer dos mil anos da sua história, foram repetidamente instruídos e advertidos pelos profetas — inclusive pelo próprio Senhor ressurreto — de que a ocupação de suas terras estava condicionada a que se arrependessem e vivessem retamente.

Por exemplo, Samuel, o profeta lamanita, assim advertiu os nefitas uns seis anos antes do nascimento de Cristo:

“E, então, eis que diz o Senhor relativamente ao povo nefita: Se não se arrependem e procurarem cumprir minha vontade, eu os destruirei completamente... e, tão certo como vive o Senhor, estas coisas sucederão, diz o Senhor.” (Hel. 15:17)

Antes disso, ele afirmara: “. . . nada vos salvará, a não ser o arrependimento e a fé no Senhor Jesus Cristo...” (Hel. 13:6)

Mas todas essas advertências acabaram sendo ignoradas. Por volta de 400 A.D., os nefitas haviam-se tornado tão iníquos, que foram totalmente destruídos numa guerra fratricida.

Outras provas da veracidade da mensagem “arrependei-vos ou perecereis” são o aniquilamento de Sodoma e Gomorra e a destruição de Jerusalém, em 70 A.D.

Diante desses precedentes, convém que ponderemos o diagnóstico do Senhor quanto à situação precária dos habitantes terrenos de hoje.

Eles “se desviaram dos meus estatutos e quebraram o meu eterno convênio”, diz o Senhor.

“Não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo, e cuja substância é a de um ídolo, que envelhece e perecerá em Babilônia, mesmo a grande Babilônia que cairá.

“Portanto, eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre os habitantes da terra, chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos;

“E também a outros dei mandamentos, para que proclamassem estas coisas ao mundo...” (D&C 1:15-18)

Os referidos mandamentos estão repletos de lembretes de que nós, os desta geração, temos que nos arrepender, senão pereceremos.

Eis alguns deles:

“Preparai-vos, preparai-vos para o que está por vir, pois o Senhor está perto;

“E a ira do Senhor está acesa, e a sua espada está banhada nos céus, e sobre os habitantes da terra cairá.

“E o braço do Senhor se manifestará; e se aproxima o dia em que aqueles que não ouvirem a voz do Senhor, nem a de seus servos, nem atenderem às palavras dos profetas e apóstolos, serão desarraigados de entre os povos;

“. . . aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado;

“E aquele que não se arrepende, dele será tirada até a luz que recebeu...”

“Examinai estes mandamentos, pois são verdadeiros e fiéis, e as profecias e as promessas neles contidas serão todas cumpridas.” (D&C 1:12-14, 32-33, 37)

Muitos dos mencionados mandamentos predizem com pormenores como os impenitentes perecerão. Na seção cinco de Doutrina & Convênios, por exemplo, lemos que “desgraça sobrevirá aos habitantes da terra se não obedecerem às minhas palavras;

“Pois, se os habitantes da terra não se arrependerem, uma praga avassaladora virá sobre eles e continuará a derramar-se de tempos em tempos, até que a terra se torne vazia e seus habitantes sejam consumidos e totalmente destruídos pelo resplendor da minha vinda.

“Eis que te digo estas coisas, assim como preveni o povo acerca da destruição de Jerusalém; e a minha palavra será verificada agora, como o tem sido até aqui.” (D&C 5:5, 19-20)

Na seção vinte e nove de Doutrina & Convênios, lemos que antes da chegada do grande e terrível dia do Senhor, “haverá choro e gemido entre os homens;

“E uma grande chuva de pedras virá para destruir as colheitas da terra.

“E acontecerá que por causa da iniquidade do mundo, eu me vingarei dos ímpios, porque não se arrependeram; porque o cálice da minha indignação está repleto; pois eis que meu sangue não os purificará, se eles não me ouvirem.

“Portanto, eu, o Senhor Deus, mandarei moscas sobre a face da terra, as quais se apoderarão dos seus habitantes, comerão a sua carne e farão com que bicheiras se criem neles.

“E suas línguas se atarão para que não falem contra mim; e sua carne cairá dos seus ossos, e das órbitas, os olhos;

“E acontecerá que as feras das florestas e as aves do céu os devorarão.” (D&C 29:15-20)

Embora estas Escrituras e muitas outras semelhantes acentuem clara e vigorosamente a mensagem “arrependei-vos ou perecereis”, elas não são cruéis, severas, nem levianas. Tampouco são arbitrarias. Apenas expõem as conseqüências lógicas e inevitáveis da violação da lei natural — daquela lei “irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.” (D&C 130:20)

Essas advertências vêm sendo declaradas agora ao mundo há mais de cento e quarenta anos. O mundo não tem como se excusar.

Os sinais dos tempos prestam sinistro testemunho de que se aproxima a hora do ajuste de contas para esta geração.

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” (Mat. 11:15) Tendo em mente as Escrituras precedentes, elas nos ajudarão a entender os “sinais” dos nossos tempos.

Contudo, por mais sombrio que nos possa parecer o quadro, existe nele um lado auspicioso. Aquela que procura realmente ouvir, descobrirá que, em todas as advertências, antigas e modernas, existe um raio de esperança que nos permite regozijar. Tanto a História como as Escrituras se encontram tão repletas de promessas e provas de que o penitente viverá, como de avisos de que o impenitente há de perecer.

Nos dias de Adão, “o Senhor Deus chamou os homens pelo Espírito Santo em todas as partes e lhes mandou que se arrependessem;

“E todos os que crescem no Filho, e se arrependessem dos seus pecados, seriam salvos...” (Moisés 5:14-15. Grifo nosso)

O contraste entre o destino da Sião de Enoque e a sina dos iníquos por época do dilúvio, ilustra uma grande lição do mundo antigo.

Nos dias de Enoque, “caiu uma maldição sobre todo o povo que lutava contra Deus;

“E daquele tempo em diante; houve guerras e derramamento de sangue entre eles; mas o Senhor veio e habitou com o seu povo, e eles viveram em retidão.

“O temor do Senhor caiu sobre todas as nações, tão grande era a glória do Senhor que cobria seu povo...”

“O Senhor chamou a seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade, e vivia em justiça;...

“... e eis que, com o correr do tempo, Sião foi levada ao céu...” (Moisés 7:15-18, 21)

O mesmo contraste pode ser observado entre a esplêndida sociedade em que viveram os justos nefitas durante os dois séculos que se seguiram ao ministério do Senhor ressurreto entre eles, e sua posterior destruição.

A respeito deles, está escrito:

“E aconteceu que, no ano trigésimo sexto, o povo inteiro foi convertido ao Senhor sobre toda a face da terra... e não havia contendias nem disputas entre eles, e procediam retamente uns com os outros.

“E não havia contendias na terra, em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo.

“... e sem dúvida não podia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus.” (4 Néfi 2:15-16)

Chegamos agora às promessas feitas pelo Senhor a nós, os desta última dispensação:

Já em 550 A. C., Néfi, contemplando em visão os nossos dias, foi movido a dizer pelo espírito de profecia:

“E sucederá que o Senhor começará a sua obra entre todas as nações, famílias, línguas e povos, para levar a cabo a restauração de seu povo sobre a terra.

“Com justiça julgará o Senhor Deus aos pobres e reprová-los com equidade os mansos da terra. Ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro de seus lábios matará os ímpios.

“E rapidamente chegará o tempo em que o Senhor Deus fará uma grande divisão entre o povo e destruirá os malvados; **e poupará seu povo, sim, ainda mesmo que para isso tenha que destruir os ímpios com fogo.**” (2 Néfi 30:8-10. Grifo nosso)

Quando os santos foram expulsos do Condado de Jackson, Missouri, o Senhor fez ao Profeta Joseph Smith uma revelação reconfortante na qual dizia:

“Eu jurei... que... deixarei cair a espada da minha indignação em favor de meu povo; e assim como eu disse, acontecerá.

“A minha indignação logo se derramará sem medida sobre todas as nações; e isso farei quando estiver cheio o cálice da sua iniquidade.

“E, naquele dia, todos os que se acharem de atalaia, ou em outras palavras, todo o meu Israel, será salvo.

“Portanto, que se confortem os vossos corações no que diz respeito a Sião; pois toda a carne está em minhas mãos; sossegai e sabeis que eu sou Deus.

“Sião não será movida de seu lugar, não obstante o fato de que seus filhos estão espalhados.

“Os que ficarem, e forem puros de coração, eles e seus filhos retornarão para suas heranças, com cânticos de eterna alegria, para edificar os lugares desolados de Sião.” (D&C 101:10-12, 16-18)

Concluindo, cito novamente um trecho do prefácio do Senhor para Doutrina & Convênios:

“... em verdade vos digo, ó habitantes da terra: Eu, o Senhor, estou disposto a tornar conhecidas estas coisas a toda a carne;

“Pois não faço acepção de pessoas e desejo que todos os homens saibam que o dia rapidamente se aproxima; ainda não é chegada a hora, mas está perto, quando a paz será tirada da terra e o diabo terá poder sobre o seu próprio domínio.

“E o Senhor também terá poder sobre os seus santos, e reinará no seu meio...” (D&C 1:34-36. Grifo nosso)

Que nos arrependamos para não perecer, eu oro humildemente.

ass. **Marion G. Romney**

DIÁRIO DE MÓRMON:

No coração de todo santo dos últimos dias, estão gravadas as experiências cotidianas da vida no Evangelho e da dedicação ao Senhor. São as histórias de todo mundo. Compartilhem com os demais membros da Igreja experiências que fortaleceram seu testemunho: orações atendidas, bênçãos do Sacerdócio, a inspiração de queridos amigos e familiares e as recompensas do trabalho nas auxiliares da Igreja. Mandem-nas à Coordenação de Línguas do Centro Editorial Brasileiro — Caixa Postal 19.079, São Paulo, Brasil, CEP 01000.

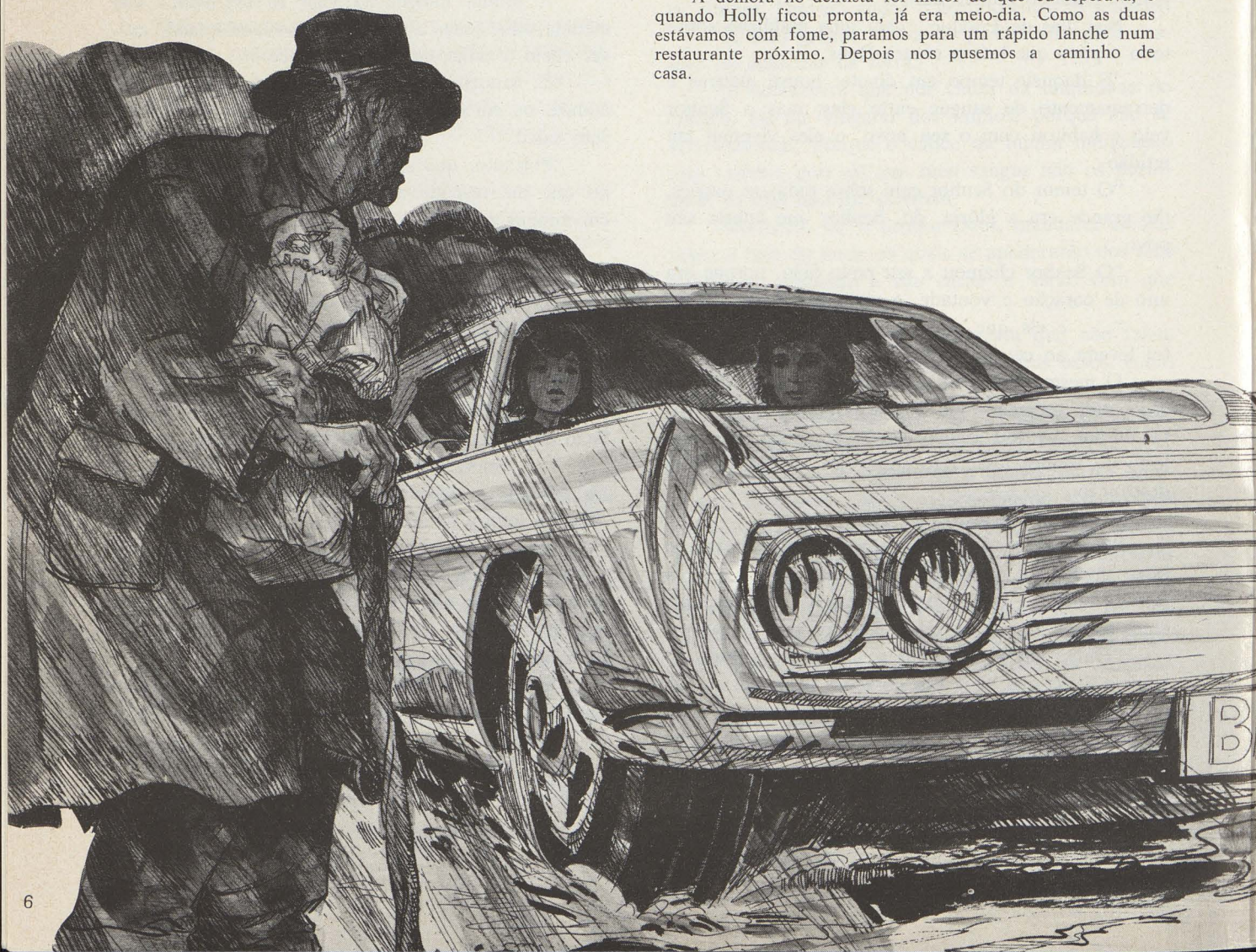
Chuva, Uma Colcha e o Aniversário

Por Gay Galt

Caía uma chuva fria, miserável. Holly, minha filha de catorze anos, tinha hora marcada no dentista na cidadezinha distante uns treze quilômetros.

— Ande logo Holly, — eu a incitava com voz ríspida, cheia de impaciência. — Quero voltar logo, tenho um mundo de coisas para fazer.

A demora no dentista foi maior do que eu esperava, e quando Holly ficou pronta, já era meio-dia. Como as duas estávamos com fome, paramos para um rápido lanche num restaurante próximo. Depois nos pusemos a caminho de casa.



Subitamente surgiu o vulto indistinto de um velho solitário à beira da estrada. Usava um surrado chapéu de feltro escorrendo água, e com uma das mãos se apoiava numa bengala. No braço esquerdo, levava um cartucho de mantimentos, já um tanto quanto molhado, do qual sobressaíam as pontas úmidas de alguns pães. Ele mantinha-se curvado, tentando proteger a todo custo os mantimentos da chuva, enquanto esperava uma oportunidade de atravessar a larga avenida, agora cheia de água e com tráfego intenso.

Naquele momento, o Santo Espírito pareceu encher meu coração de ternura e calor humano; foi como se aquela vozinha suave e mansa falasse: Apanha esse meu filho e leva-o para casa.

Meu primeiro impulso foi retrucar: Eu nunca dou carona a estranhos, tenho medo. Mas a impressão continuava forte, e então encostei no meio-fio e parei o carro. Desci o vidro e, sentindo o vento frio e a chuva no rosto, perguntei:

— Senhor, sua casa fica longe?

— Eu só tenho que atravessar esta via expressa. Moro só umas quadras lá para baixo, do outro lado.

Então, sorrindo, o convidai: — Vamos, entre aqui, — o que ele aceitou agradecido. Nessas alturas, já havia uma fila de carros parados atrás de mim, buzinando impacientes. Por um momento, fiquei ali sentada, confusa, sem saber como chegar ao outro lado da via para levá-lo na direção oposta. Milagrosamente, diversos carros pararam e fizeram-me sinal para atravessar na frente deles, e quando saímos da via principal, ele disse:

— Quanta bondade a sua, seja abençoada! Minha mulher fraturou o quadril no ano passado, e eu estava para trazê-la para casa semanas atrás, mas então ela escorregou e fraturou o outro lado. Agora acabamos de mudar para este subúrbio e tenho que cuidar de tudo. Ao saltar do carro, virou-se e falou baixinho, meio envergonhado:

— Gostaríamos muito de receber uma visita sua. Seria um grande prazer.

Percebi num ímpeto de compaixão que se sentiam solitários, como desejava mais contato humano, alguém para animar sua esposa acamada. Subitamente, senti outra vez o calor do Santo Espírito, uma força especial desconhecida que parecia fazer-me saber coisas a respeito daquele casal de velhos. Não há palavras para descrever a sensação quando me senti tomada pelo Santo Espírito, sugerindo-me o que eu devia fazer. Seguimos para casa em silêncio e quando chegamos na nossa cidadezinha, fui até o armazém e comprei algumas coisas. Chegando em casa, pedi à minha filha:

— Holly, não quer ajoelhar-se e orar comigo?

Ela acedeu com um gesto, e imediatamente caímos de joelhos e oramos ao Senhor que nos orientasse naquela estranha empresa, pois eu não queria cometer nenhum engano. Eu já tinha muitas vezes enchido cestas de Natal e ajudado famílias necessitadas, mas o que eu juntei para aquele casal não eram coisas que se costumam levar para pessoas desconhecidas. Por exemplo, lá estava uma colcha, um ramallete de flores, uma lâmpada de mesa, uma pequena luz de parede, remédio para resfriado e xarope contra tosse, uma bacia de plástico, um bujão de água, revistas e mantimentos para uma semana escolhidos com todo cuidado — alguns produtos de carne, mas principalmente coisas tiradas da minha própria despensa.

Quando cheguei carregando a alegre colcha cor de vinho, Holly exclamou incrédula:

— Mãe, uma colcha? A senhora deve estar brincando.

Contudo, sentia-me impelida a levá-la. Quando havíamos juntado todo o necessário, ajoelhamo-nos outra vez e pedimos ao Senhor que nos guiasse de volta à casa certa e nos orientasse no que estávamos fazendo.

Chegando na casa do velho casal, hesitamos por um momento, e então sugeri deixarmos as coisas no carro para primeiro avaliarmos a situação; eu me sentia incerta e teme-

rosa. Bati à porta. Respondeu-nos a voz mais doce que já ouvi:

— Quem é, por favor?

— Não se assuste. Sou a pessoa que deu carona ao seu marido algumas horas atrás.

Ela nos pediu que entrássemos, e fomos até o quarto dela, onde encontramos deitada uma senhora simpática, o rosto marcado pelo sofrimento, dando a perceber que a dor não lhe era uma estranha. Sorri e expliquei-lhe nossa visita:

— Depois de deixarmos seu marido aqui, senti-me impelida a comprar algumas coisas de que devem estar precisando.

Ela pareceu compreender, e então prosseguiu:

— Senti de modo especial que estavam precisando de uma colcha; na verdade, foi a primeira coisa na minha lista.

Holly foi buscar as coisas no carro, e quando ela viu a colcha, seus olhos se arregalaram de alegria e expectativa.

— Oh, — exclamou, — não sabem como estava cansada de ficar deitada nesta casa sem uma colcha colorida, alegre, e estive orando, orando por ela.

Quando Holly trouxe as flores, a anciã cobriu o rosto com as mãos e ficou espiando entre os dedos, enquanto lhe mostrávamos o resto. Então chegou o marido que havia estado fora, e a meia hora seguinte foi como proporcionar um Natal inesperado a duas crianças. Observamos com alegria quando ele pegou a pequena luz de parede, dizendo:

— Esta é para mim! Que bom, agora não preciso ir mais ao banheiro no escuro durante a noite.

— Mas, querido, eu também preciso de uma lâmpada, — reclamou a mulher. — Nem tenho com que ler!

— Ora, como não tem, — exclamei, mostrando-lhe a lâmpada de mesa e as revistas.

Mais tarde, eles contaram que, com a mudança, os cheques da aposentadoria haviam-se extraviado no correio, e precisavam de ajuda para mais uma semana até chegarem os seguintes. A mulher explicou que estava pressentindo um resfriado, e o marido se esquecera de comprar os medicamentos necessários. Comentou também que a tosse lhe provocava dores no quadril fraturado. Parecia que cada item da nossa lista era não só útil, como a escolha perfeita para eles.

Finalmente perguntaram se pertencíamos a uma igreja. Holly e eu sorrimos, contentes com aquela primeira oportunidade de fazer as perguntas de ouro.

— Já ouviram falar da Igreja Mórmon?

A resposta foi negativa. Então explicamos que éramos conversos recentes e contamos como o Evangelho havia sido restaurado. Disse-lhes que eu vinha procurando o Evangelho verdadeiro há quarenta e oito anos, e como a cada dia estávamos aprendendo mais sobre ele. Perguntamos se podíamos mandar os missionários para dar-lhes a mensagem do Evangelho e partilhar com eles o plano de salvação do Senhor. Responderam que gostariam de recebê-los.

Antes de sairmos, a senhora, voltando-se para o marido, censurou-o mansamente:

— Você contou, não foi? — ao que ele respondeu imediatamente:

— Eu não disse nada.

Ela voltou à carga:

— Você contou, sim!

Como ele negasse novamente com toda ênfase, eu indaguei intrigada:

— Mas, contou-nos o quê?

Então seus olhos se encheram de lágrimas, enquanto tirou de trás da cama um cartão respingado de chuva. Entregando-me, disse com voz embargada:

— Hoje é meu aniversário!

Gay Galt, dona de casa, serve como presidente das Moças na Ala Modesto III, Estaca Modesto, Califórnia.

Que Espécie de Homem é Jesus?

John F. Heidenreich



Trouxeram-lhe um homem mudo e endemoninhado...

(Mat. 9:32)

Ele é o Filho de Deus. O que terá em comum conosco, nós, os mortais? . . . sua capacidade de alegria espontânea, sua necessidade de orar, seu anseio de amar e ser amado. . .

Bem no princípio de seu ministério, o Salvador certa vez atravessou de barco o Mar da Galiléia em companhia de seus discípulos. Aconteceu que, enquanto o Mestre descansava dormindo, irrompeu súbita e violenta tempestade. O leve barco balançava com as ondas, derramando-se por cima de suas bordas. Apesar de alguns discípulos serem exímios barqueiros, eles ficaram com medo e acordaram o Mestre para que os ajudasse. Levantando-se, este repreendeu o vento e o mar, e logo tudo se aquietou.

Maravilhados com tal poder, seus seguidores indagavam: "Mas quem é este?"

Perto de vinte séculos mais tarde, nós continuamos a fazer a mesma pergunta. Contudo, pelas páginas das Escrituras, vimos a conhecer Jesus como um ser humano caloroso, que compreende as pressões a que estamos sujeitos, porque experimentou pessoalmente nossa condição humana.

Ele pode "... compadecer-se das nossas fraquezas... [e] como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado." (Heber. 4:15)

Apesar dos ensinamentos das Escrituras, as opiniões quanto à identidade de Cristo têm divergido largamente. Para o mundo pagão do primeiro século, ele não era um ser humano, mas um deus temporariamente disfarçado de homem. Mais recentemente — em particular nos tempos modernos — a filosofia humanista renega totalmente sua divindade, tendo-o como um grande mestre, um líder, mas não um Salvador. Estas duas heresias não crêem na natureza essencial de Cristo.

Nós, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, testemunhamos tanto a condição humana, quanto a divindade de Jesus; ele é literalmente o Filho Unigênito de Deus na carne. A natureza de Cristo assemelha-se a uma roupagem tecida com fios de duas cores — nenhum dos dois pode ser removido sem destruir a peça inteira. Aqui, porém, vamos focalizar particularmente os pontos em que Jesus, durante seu ministério mortal, era "como nós".

Uma das mais admiráveis qualidades foi sua alegria espontânea e sua capacidade de levar outros a sentirem a mesma alegria e fé. Depois de recomendar aos discípulos que amassem uns aos outros, Jesus explica:

"Tenho-vos dito isto, para que meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo." (João 15:11) E em sua sublime prece ao Pai, Jesus resume todo seu ministério numa única frase: "... digo isto no mundo para que tenham a minha alegria completa em si mesmos". (João 17:13)

Noutra ocasião, "se alegrou Jesus no Espírito" pelo retorno dos setenta que relataram "com alegria" o grande sucesso da missão deles. Embora compartilhando plenamente dessa satisfação, ele os admoestou a que não se regozijassem por causa do poder de sujeitarem Satanás, mas por terem seus nomes "escritos nos céus". (Lucas 10:17-21)

Jesus demonstrou outro tipo de alegria, quando os apóstolos começaram a sentir a sinistra proximidade da morte do Mestre. Disse-lhes aí que, passada a hora da aflição, "... outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará." (João 16:22)

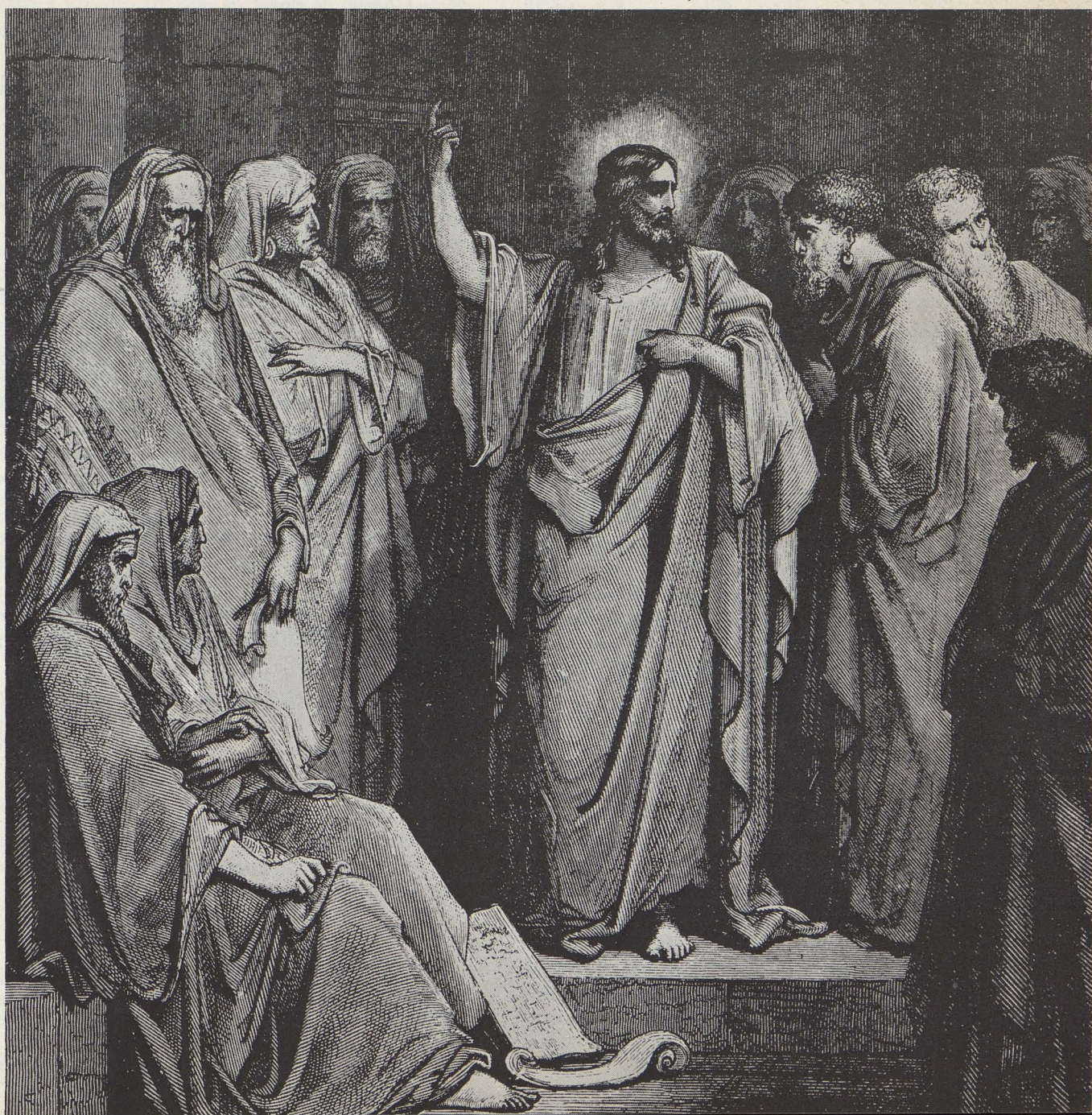
Quando Marta repreendeu Maria por ficar ouvindo Jesus, em vez de ajudá-la no preparo do jantar, a mansa reprimenda de Jesus aparentemente operou milagres no progresso espiritual de Marta. Ao encontrarmos novamente as duas irmãs, quando da morte de seu irmão, a heroína espiritual é Marta, em virtude de sua fé. Saindo ao encontro de Jesus, ela diz:

“Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.” (João 11:21-22)

Parece que a fé possuída por Marta, com o incentivo de Jesus, precedeu o milagre da restauração da vida de Lázaro.

Uma das mais marcantes formas de Jesus demonstrar sua condição humana, era sua necessidade de orar. Seguidamente, ele se afastava do constante alarido das multidões, a fim de revigorar-se no consolo da prece solitária. Iniciou seu ministério com quarenta dias de jejum e orações, nos agrestes ermos da Judéia; e as últimas palavras pronunciadas na mortalidade, foram endereçadas ao Pai: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” (Lucas 23:46)

Ao ensinar os discípulos como orar, temos certeza de que ele próprio era o exemplo que deviam seguir, e que suas instruções foram tiradas de suas próprias preces.



“... orando, não useis de vãs repetições...”
(Mateus 6:7)

“... entra no teu aposento e... ora a teu Pai... em oculto; e teu Pai... te recompensará.”
(Mateus 6:6)

“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.” (Mateus 26:41)

“... perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai... vos perdoe...” (Marcos 11:25)

“... contou-lhes uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer [ou parar de fazê-lo]”
(Lucas 18:1)

E talvez, a mais significativa: “... pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra.”
(João 16:24)

Todavia, o aspecto em que mais nos identificamos com Jesus é a nossa necessidade comum de amar e ser amados. Aqui novamente vemos que a essência da sua mensagem, tanto pelo exemplo como por seus numerosos ensinamentos sobre o assunto, é o amor a Deus e ao homem, não podendo um existir sem o outro, e ambos exemplificados na sua vida.

Jesus, que perdoava os pecadores penitentes com infinita misericórdia, associa amor e perdão: “... a quem pouco é perdoado pouco ama”. (Lucas 7:47)

“Se me amardes, guardareis meus mandamentos.”
(João 14:15) Jesus que obedecia ao Pai a ponto de se deixar crucificar, com isto demonstrou seu perfeito amor.

Ele dava conselhos tirados da própria vivência: “Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam... Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus... Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5:44-45, 48)

O termo **pois** é a palavra-chave nesta Escritura, um sumário sugerindo um precedente. E qual seria tal precedente? Estudando esses versículos com atenção, vemos claramente que o amor, mesmo o amor aos inimigos, é o caminho para a perfeição. Cristo demonstrou essa qualidade em sua preocupação compassiva por todos os homens, a ponto de perdoar àqueles que o havia posto na cruz.

Para Jesus, amor era uma força dinâmica, um fator primordial para a conversão, conforme ilustra este único exemplo: Pedro vinha seguindo Jesus há três anos, prestando testemunho da sua divindade, mesmo quando muitos de seus discípulos o abandonaram. Ele fraquejou e negou a Cristo, mas o amor

ainda é o melhor colhedor de almas. O Salvador bem o sabia, quando perguntou a Pedro: “Amas-me?”
(João 21:17)

Embora Pedro se magoasse ouvindo a mesma pergunta três vezes, Jesus sabia que, se ele realmente o amava, se converteria e teria forças para converter a outros.

Não existe outro ponto em que Jesus provou melhor sua condição humana do que no seu sofrimento e morte. Foi como homem que enfrentou Pilatos — dando o supremo exemplo de masculinidade que Deus já colocou na terra. Nas derradeiras horas de sua vida, ele teve tempo de cuidar da mãe, de consolar e confortar um salteador moribundo, e rogar a Deus que perdoasse aos que o atormentavam.

Um de seus perseguidores comentou: “Salvou os outros, e a si mesmo não pôde salvar-se.” (Mat. 27-42) E nunca houve palavras mais verdadeiras. Homem algum pode salvar-se a si e aos outros. Jesus disse: “Quem achar [ou poupar] a sua vida [para si mesmo], perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á.” (Mateus 10:39)

A grande redenção é de tal importância para o gênero humano, que qualquer pensamento e ato de todo ser humano mortal, que já viveu nesta terra em eras passadas, que vive atualmente e que ainda há de viver, está envolvido. A grandeza e profundidade do que Cristo fez por nós em sua expiação só é plenamente compreendida por Deus. Entender o plano de salvação ensinado pelos profetas de Deus é tudo o de que precisamos, e o mais importante de todo conhecimento humano.

Sem essa condição simultaneamente humana e divina de nosso Salvador, jamais poderia haver a grande redenção. Quão gratos deveríamos ser por ele nos haver tirado das trevas para a maravilhosa luz do seu amor e perdão, e ter-nos feito a promessa de vida eterna.

Pela obediência aos seus mandamentos, ser-nos-ão dados todo poder, toda perfeição e toda alegria possuídos por Deus.

O Senhor prometeu: “E aquele que me recebe a mim, recebe o meu Pai;

“E aquele que recebe o meu Pai, recebe o reino de meu Pai; portanto, tudo o que meu Pai possui ser-lhe-á dado.” (D&C 84:37-38)

John H. Heidenreich, professor aposentado de seminário, leciona na Escola Dominical e serve como mestre familiar na Ala XII da Estacã de Mesa Leste, Arizona.

RELATÓRIO ESTATÍSTICO DE 1974

**Elaborado pelo Escritório
do Bispado Presidente**

Para informação dos membros da Igreja:

A Primeira Presidência publicou o seguinte relatório estatístico referente à congregação geral da Igreja, em fins de 1974:

Ano	N.º Estacas	N.º Missões	Total de membros da Igreja
1963	389	73	2.117.451
1964	400	75	2.234.916
1965	414	74	2.395.932
1966	425	75	2.480.899
1967	448	79	2.614.340
1968	473	83	2.684.073
1969	496	88	2.807.456
1970	537	94	2.930.810
1971	562	98	3.090.953
1972	592	101	3.227.790
1973	630	108	3.321.556
1974	675	113	3.385.909

Unidades

Número de Estacas de Sião em Fins de 1974	675
Número de Alas	4.756
Número de Ramos Independentes em Estacadas	1.195
Total de Alas e Ramos Independentes nas Estacas no Final do Ano	5.951
Número de Ramos de Missão no Final do Ano	1.822
Número de Missões de Tempo Integral no Final do Ano	113

Número de Membros da Igreja em 31 de dezembro de 1974

Nas Estacas	2.960.143
Nas Missões	425.766
Total	3.385.909

Crescimento da Igreja no Ano de 1974

Crianças Abençoadas nas Estacas e Missões	72.717
Filhos Registrados	
Batizados nas Estacas e Missões	47.234
Conversos Batizados nas Estacas e Missões	69.018

Estatística Social (Baseada em Dados Recebidos das Estacas e Missões Referentes a 1974)

Taxa de Nascimentos Por Mil	26,11
Número de Pessoas Casadas Por Mil ..	14,29
Mortes Por Mil	4,50

Sacerdócio

Membros Portadores do Sacerdócio Aarônico em 31 de dezembro de 1974:	
Diáconos	140.185
Mestres	107.277
Sacerdotes	170.867
Total de Portadores do Sacerdócio Aarônico	418.329
Membros Portadores do Sacerdócio de Melquisedeque em 31 de dezembro de 1974:	
Élderes	292.873
Setentas	25.184
Sumos Sacerdotes	104.919

Total de Portadores do Sacerdócio de Melquisedeque	422.976
Total Geral de Portadores do Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque	841.305

(Acusando um aumento de 29.357 durante o ano de 1974)

Organizações da Igreja (Alistamento)

Sociedade de Socorro	861.272
Escola Dominical	3.101.281
Rapazes em Idade do Sacerdócio Aarônico	180.912
Moças	178.307
Associação da Primária	468.790
AMM do Sacerdócio de Melquisedeque	650.000

Plano do Bem-Estar

Número de Pessoas Assistidas Durante o Ano	109.212
Número de Pessoas Colocadas em Empregos Remunerados	17.346
Dias/Homem de Trabalho Doados ao Plano do Bem-Estar	139.418
Dias/Unidade de Uso de Equipamento Doados	4.102

Sociedade Genealógica

Nomes Liberados em 1974 Para Ordenanças do Templo	2.704.905
Registros genealógicos microfilmados em 27 países durante o ano produziram 836.952 rolos de microfilme de 30,5 m para uso da Igreja, equivalendo a mais de 3.992.911 volumes impressos de 300 páginas cada	

Templos

Número de Endowments (Investiduras) Realizadas em 1974 nos 16 Templos em Operação —	
Para Pessoas Vivas	37.432
Pelos Mortos	2.535.518
Total de Endowments	2.572.950

Sistema Educacional da Igreja

Total de Matriculados em Escolas da Igreja, Incluindo Seminários e Institutos	307.810
---	---------

JIMMY DREW

O Limpador de Chaminés

Thomas J. Griffiths

Ilustrado por James Christensen

Jamais me esquecerei de uma lição aprendida há muitos, muitos anos, ainda menino, no pequeno País de Gales. Minha família vivia numa humilde aldeia de mineiros, onde o carvão não só representava o ganha-pão, como era usado para cozinhar e abastecer as lareiras para nosso aqueci-

mento no inverno. Usava-se tal quantidade de carvão, que as chaminés costumavam ficar entupidas de fuligem, obrigando a se recorrer aos préstimos de um limpador de chaminés.

Na nossa aldeia, esse serviço sujo era feito por um homenzinho esquisito, de aparência quase re-



pulsiva. Tinha as mãos nodosas, deformadas, e andava com os ombros curvados como que carregando um fardo pesado. Porém, o mais estranho é que nunca falava. Os únicos sons que saíam de seus lábios e entendidos somente pelos que o conheciam, eram seu pregão: — Limpa chaminés, limpa chaminés! — Esse homem era Jimmy Drew.

Jimmy não incomodava ninguém. Andava pelas ruas da aldeia com o feixe de escovas e vassouras às costas, soltando seu estranho pregão. Se alguém aceitasse seus serviços, ele vasculhava a chaminé e juntava a fuligem num saco que levava embora. Seu preço era de dois xelins, e a transação sempre se fazia em silêncio, pois Jimmy era praticamente mudo.

A garotada da aldeia gostava de caçar do velho. A gente ia atrás dele, imitando seu modo de andar, os ombros arqueados e mãos crispadas em garra como as de Jimmy, procurando reproduzir seu estranho grunhido. Ele, porém, não parecia ligar; continuava seu caminho como se não existíssemos.

Certo dia, Jimmy passou por nossa rua e começamos a caçar dele, como de costume. Acontece que meu pai vinha atrás de nós e observou o que estávamos fazendo. Papai era normalmente um homem gentil, mas naquele dia agarrou-me pelo braço, conduzindo-me energeticamente para casa. Lá dentro me levou para a grande janela de sacada de onde se descortinava o fundo do vale. Apontando o dedo, falou com voz severa:

— Filho, vê ali a velha mina Príncipe de Gales?

Sim, eu via a velha mina de carvão, pois estava bem ali desde que me lembrava. A estrutura ainda se erguia sobre o profundo poço, embora a ferrugem e o abandono cobrissem seu preço.

As gaiolas que levavam os mineiros para o fundo do poço já não existiam. E o próprio poço estava coberto com pesadas pranchas e cercado por um cabo de ferro enferrujado. Havia algo naquela velha mina que dava arrepios, quando se chegava perto. Uma vez, alguns de nós, garotos, afastamos uma das pranchas e jogamos pedras dentro de seu negror sinistro. Pareceu-nos levar uma eternidade até as pedras atingirem a água lá no fundo.

— Sim, pai, — respondi — estou vendo a velha mina Príncipe de Gales.

— Então ouve bem, — prosseguiu, — pois quero que nunca te esqueças do que vou te contar.

Então, sério, contou-me a história. Quando ele era ainda bem moço, a mina Príncipe de Gales era o orgulho do vale. Praticamente toda família da aldeia tinha alguém trabalhando nela. Mas, certo dia de primavera, houve uma explosão lá no fundo, provocando incêndio nas galerias em que estava sendo extraído o carvão. Equipes de salvamento tentaram socorrer os homens bloqueados, mas toda vez eram rechaçados pelo fogo. Então, numa desesperada tentativa de salvar a mina, os proprietários mandaram inundá-la com a água de um canal que passava perto.

Cento e oitenta e quatro homens e rapazes ficaram para sempre nas entranhas da terra. Os que não morreram com a explosão, foram afogados pela água. Centenas de pessoas se comprimiam em volta da mina, na esperança de que alguns se salvassem. Mas com o passar das horas, a esperança transformou-se em desespero. A turma de salvamento que desceu retornou acabrunhada.

— Ninguém, — disseram — poderia ter sobrevivido naquelas terríveis circunstâncias.

Porém, os aldeões não arredaram pé, pois lá no fundo estavam seus entes queridos, e não queriam voltar para casa sem eles.

Então, quando o sol já tocava o cimo da montanha e as primeiras sombras começavam a envolver a aldeia, aconteceu o impossível. Alguém gritou e então todos puderam ver um par de mãos subindo pouco a pouco pelo cabo que fazia subir e descer as gaiolas do elevador. Mãos prestativas suspenderam o homem, livrando-o daquele terrível cabo. A carne pendia em farrapos de suas mãos, e sua roupa estava praticamente toda queimada. Depois de deitarem-no com todo o cuidado, o médico fez o possível para atendê-lo. O homem estava às portas da morte, mas a coragem que fê-lo vencer a longa subida do negror do poço para a luz do dia, ajudou-o mais uma vez. Esse homem era Jimmy Drew.

Todo mundo se perguntava: — Como pôde um homem sobreviver a uma explosão, ao fogo e água e depois ainda subir uma centena de metros pelo cabo de aço?

Essa pergunta jamais foi respondida, pois Deus, em sua misericórdia, obstruiu a mente de Jimmy, para que nunca mais revivesse seu terrível ordálio. Lembro-me ainda perfeitamente de como papai me puxou para junto de si, abraçando-me, e como choramos juntos.

Jamais me envergonhei daquelas lágrimas, pois, embora sendo apenas um menino, compreendi claramente a moral daquela história verídica. E daquele dia em diante, sempre que me sentia tentado a ridicularizar um de meus semelhantes atingido pelo infortúnio ao nascer, eu me via novamente olhando pelo janelão da pequena aldeia galesa para a Mina Príncipe de Gales, e revia mentalmente o pobre limpa-chaminés Jimmy Drew.

A Transferência para Carltonville

Mark A. Simpkins

Foi com chocada descrença que ouvi as palavras do presidente da missão:

— Elder, você está sendo transferido para Carltonville. Deverá estar lá pela manhã.

Meu companheiro e eu havíamos labutado por longo tempo no que nos parecia uma busca infrutífera de pessoas interessadas no Evangelho; após sete meses de missão, meu entusiasmo estava um tanto abalado. Então havíamos encontrado Phyllis Johnson, encantadora dama inglesa de seus sessenta anos, para quem as palestras sobre o Evangelho eram uma satisfação. Quanto mais aprendia, tanto mais queria aprender. Como então tudo parecia ir bem! Como eu gostava do trabalho missionário!

Eu aguardava ansiosamente o batismo dela — meu primeiro — no sábado seguinte, quando o presidente da missão me fez cair das nuvens. Ao sair do escritório dele, tinha vontade de chorar — mas não podia.

Depois, pensando nas freqüentemente inspiradas palavras do presidente, uma vizinha sussurrou dentro de mim: “Mark, não foi ele quem fez isso... foi o Senhor.”

Meu novo companheiro em Carltonville estava na área há somente uma semana, mas havia preparado uma lista de pessoas da localidade que tinham recebido algumas palestras, e leu-a para mim. Ajoelhando-nos juntos em oração, ambos sentimos que nossa transferência fora acompanhada de um espírito especial. Enquanto ele lia a lista de doze nomes, um deles pareceu atingir-me o coração — Marshall!

O estreito caminho para a casa dos Marshall era difícil de seguir por causa das sebes, mato cerrado e chuva pesada, mas quando lá chegamos, vimos uma janela iluminada. Surpreso por nos ver andando pelas ruas numa noite tão chuvosa e fria, o Irmão Marshall nos convidou calorosamente a entrar, fazendo-nos sentar no velho sofá da sala de estar. Soubemos que os Marshall eram oriundos da Nova Zelândia, e que a esposa havia visitado o templo de lá antes da dedicação, mas depois haviam-se mudado para a África do Sul com seus três filhos pequenos.

Eles acreditavam em tudo o que os missionários lhes haviam contado, com uma exceção — a lei do dízimo.

— Simplesmente não consigo aceitá-la, — explicou. — Além do mais, elder, nem teríamos condições de pagá-lo, — acrescentou com voz sucumbida. Estava sentado na única cadeira restante da casa e, olhando para seus sapatos gastos, rachados, voltou a falar:

— Sabem de uma coisa... (então houve uma pausa longa, penosa) — não temos mais um centavo.

O demorado silêncio foi interrompido pelos soluços da Irmã Marshall.

— Há três dias não temos nada para comer além de alguns damascos do pé lá no fundo do quintal, — ela disse entre lágrimas. — Simplesmente não sei mais o que fazer. Os damascos estão quase no fim, e as crianças estão começando a pedir comida de verdade. Não sabemos a quem recorrer. Não conhecemos ninguém por aqui. O que devemos fazer?

Fiquei pensando como pedir para esta gente dar um décimo do seu. Então, subitamente, eu soube a resposta para os problemas deles. Fui atingido pelo poder mais forte jamais sentido, e lembrei-me de que fora ensinado como criança a pagar o dízimo, pois era um mandamento do Senhor. Sabia da promessa do Senhor de que abriria as janelas dos céus aos que pagassem o dízimo, e sabia também que o mandamento era para todos, fossem ricos ou pobres.

Sentando-me ereto na ponta do sofá, um ardor dentro do peito me fez dizer:

— Irmãos, eu lhes prometo em nome do Senhor que, se pagarem o dízimo e entrarem para a sua igreja, sempre terão o necessário para comer e uma casa para abrigá-los.

Os dois ficaram imóveis, refletindo sobre a promessa que lhes fizera. Então o Irmão Marshall, com a esposa bem junto dele, disse quedamente:

— Elder, tudo o que ouvimos é verdade. E agora sei que devemos aceitar isso também.

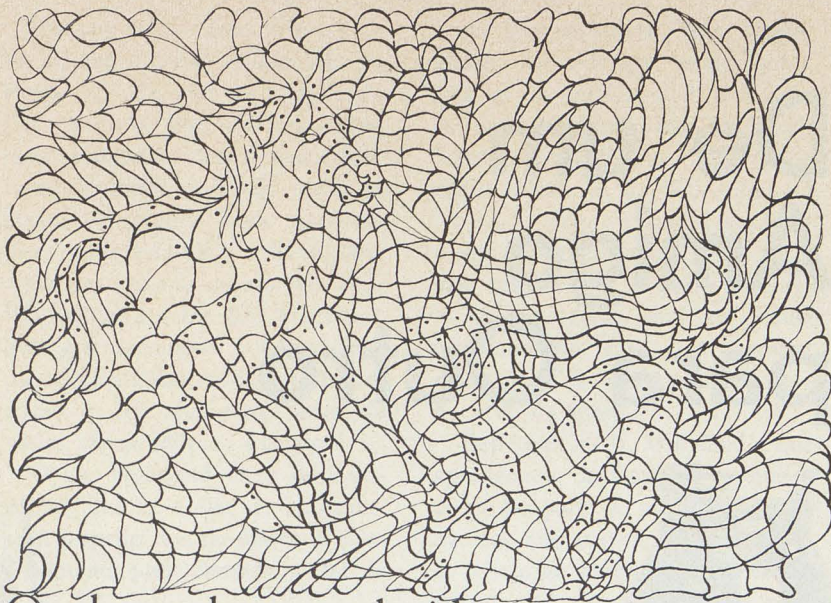
Combinamos tudo, para o batismo deles no sábado seguinte, e no fim da manhã desse dia, recebemos um telefonema da casa da missão:

— Elder, você e seu companheiro devem trazer sua bagagem hoje, quando vierem à casa da missão para o batismo. Ambos serão transferidos novamente para seu antigo local de trabalho. Carltonville será fechado por tempo indefinido.

Dessa vez, ao dar a notícia ao meu companheiro, eu chorei — e caí de joelhos aos pés da cama para pedir perdão ao Senhor. Ele havia-me chamado para ajudar aquela família de espíritos eleitos e que estava pronta para o batismo, sabendo que seria a última oportunidade deles em meses — talvez na vida inteira. Dei-me conta de quão egoísta fora e prometi ao Senhor que futuramente, sempre que me chamasse, eu lhe obedeceria.

Cerca de um ano e meio mais tarde — e quase oitocentos quilômetros de lá — eu estava sentado no primeiro banco de uma capela na Rodésia, no que seria minha última reunião de testemunhos no continente africano. Então vi uma senhora de meia-idade, trajando um vestido bastante usado, porém recém-lavado e passado, levantar-se e prestar testemunho. Com terna convicção, agradeceu ao Senhor por pertencer à Igreja, pelo testemunho que tinha do Evangelho e pelos dois missionários que a visitaram numa chuvosa noite de terça-feira. A Irmã Marshall contou que desde aí, ela e o marido continuaram tendo bastante dificuldades, mas por causa da sua fidelidade quanto ao pagamento do dízimo, sempre “tiveram o que comer e uma casa para morar”.

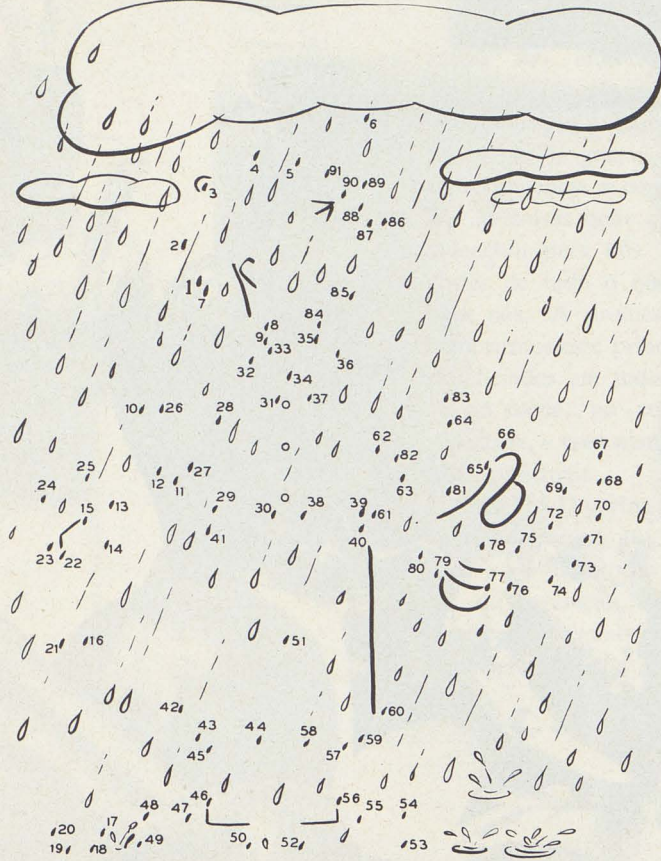
Mark A. Simpkins, estudante da Universidade Brigham Young, serve como professor no Sacerdócio do Ramo 34 da BYU, Estaca BYU X.



Quebra-cabeças colorido

John Conner

Pinte com lápis de cor os espaços com pontinhos e verá dois bons amigos brincando.



Quem?

Roberta L. Fairall

Quem não gosta nem um pouquinho de chuva?
 Quem gostaria que sempre fizesse sol?
 Ligue as gotinhas numeradas e saberá.

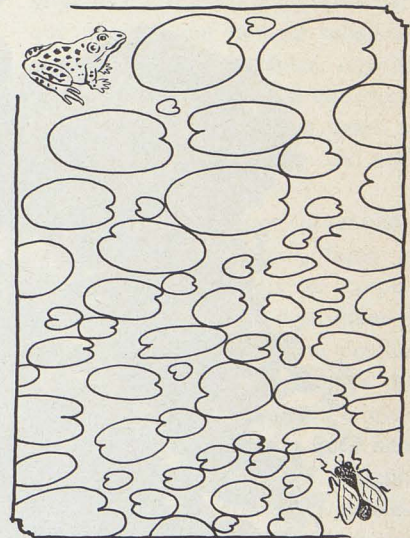
Só Para Divertir



Figuras ocultas

Ann Stacey

Será que você é capaz de encontrar uma bigorna, flecha, formiga, avião, âncora, maçã e um machado escondidos neste quadro?



O jantar do Sapinho

Walt Trag

Ajude o pobre sapinho a pegar a mosca, sem pisar em nenhuma folha de nenúfar.



Élder Marion D. Hanks
Assistente do Conselho dos Doze

De um Amigo para Outro

**UM PRINCIPIO
COM
PROMESSA**



Durante muitos anos, tive o prazer de servir como missionário na Praça do Templo da Cidade do Lago Salgado, encontrando, assim, oportunidade de ensinar muita gente maravilhosa vinda de todas as partes do mundo para aprender algo sobre a Igreja e o Evangelho. Uma das pessoas de que me lembro melhor é o Dr. Aer Waerland, que era renomado por suas pesquisas científicas no campo da nutrição e dos alimentos, autor de várias obras sobre o assunto.

O Dr. Waerland viera de Estocolmo, Suécia, a fim de informar-se a respeito dos mórmons e principalmente para discutir a lei de

saúde que seguimos. Nós, logicamente, aprendemos muito sobre esta lei do Pai Celestial, por meio de uma revelação dada a Joseph Smith em 1833, e que conhecemos como a Palavra de Sabedoria. O cientista havia tomado conhecimento desse programa por parte dos missionários, e como envolvia as mesmas coisas que ele vinha estudando há anos, quis aprender mais sobre o mesmo diretamente na sede da Igreja.

Expliquei ao Sr. Waerland o que aprendemos do Senhor — que o corpo faz parte de nossa alma eterna, que não podemos ser realmente felizes na eternidade sem nosso corpo, que este será nosso para sempre após a ressurreição e que, portanto, é muito importante fazer todo o possível para mantê-lo puro e saudável.

A Palavra de Sabedoria nos ensina um importante princípio acompanhado de uma promessa. Esse princípio é que devemos usar com ação de graças e bom senso, com prudência e comedimento todas as coisas boas que Deus providenciou para nós. Devemo-nos abster de tudo o que não é bom para nós. A promessa é que, se cumprirmos esse princípio, seremos beneficiados em todos os sentidos — na saúde, no conhecimento e sabedoria, e com maravilhosas bênçãos espirituais.

Com o Doutrina & Convênios aberto diante de nós, o Dr. Waerland e eu discutimos os pormenores da revelação. Ele comentou com certo assombro as instruções a respeito do que deveríamos ou

não comer. Notou que o livro diz que o álcool, o fumo e as bebidas quentes não são bons para o homem. Perguntou como Joseph Smith, um moço de vinte e sete anos, sem nenhuma instrução acadêmica no campo da nutrição, poderia ter conhecimento disso em 1833, quando as mais modernas informações científicas da época não lho podiam ter ensinado. Expliquei-lhe que Joseph Smith era um profeta e recebera as instruções por revelação. Disse-lhe:

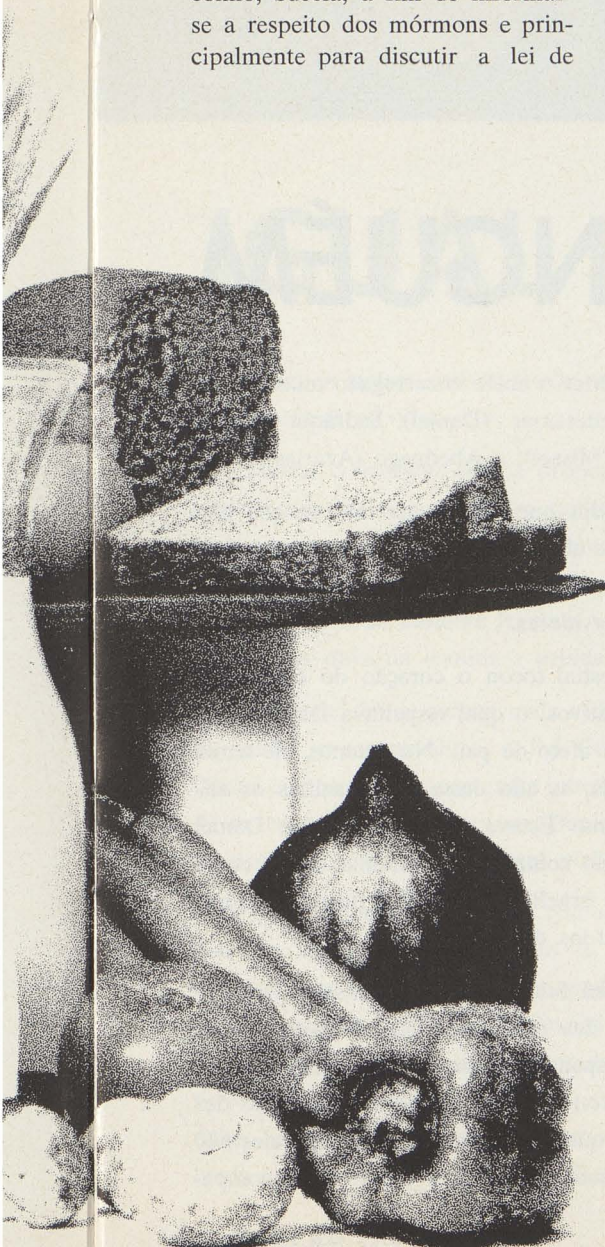
— Dr. Waerland, o que pensaria desse moço de vinte e sete anos, que escreveu tal documento há mais de cento e quarenta anos atrás?

— Nada sei de profetas e revelação, mas diria que esse moço estava exatamente cento e quarenta anos à frente de seu tempo.

A seguir, falou de algumas descobertas recentes da ciência e de suas próprias pesquisas, dizendo que todas as sugestões da Palavra de Sabedoria, sem exceção, eram boas e legítimas.

Após falarmos novamente sobre profetas e revelação e ele reafirmar que não era um homem religioso e pouco sabia de profetas, repetiu que fosse quem fosse que escrevera aquele documento, estava cento e quarenta anos à frente de sua época.

Agora sabemos por provas incontestáveis, que álcool, fumo e cafeína são prejudiciais ao corpo. Sabemos que eles são destrutivos e prejudiciais. Sabemos uma porção de coisas sobre a importância de uma alimentação adequada e moderação no comer. Estes fatos não podiam ser obtidos por Joseph Smith, a não ser através de revelação do Pai Celestial. Foi assim que os recebeu e é preciso não nos esquecermos disso, quando agradecemos ao Senhor as maravilhosas bênçãos que temos recebido através dos profetas de Deus.





NINGUÉM

Nabucodonosor, rei da Babilônia, atacou o povo de Judá, e depois de certo tempo, conseguiu derrotá-lo. Entre os despojos que levou para sua casa do tesouro, havia muitos belos e sagrados vasos do templo em Jerusalém. Além das riquezas materiais, Nabucodonosor ainda levou consigo muitos israelitas como cativos.

De volta ao seu reino, Nabucodonosor chamou um dos chefes de seus servos, chamado Aspenaz, e ordenou-lhe que escolhesse entre os jovens israelitas alguns que fossem de linhagem real e nobre, além de inteligentes, bonitos e sem defeitos físicos, a fim de serem criados no palácio real.

Esses jovens israelitas escolhidos deviam ser alimentados com a mesma comida substanciosa e vinhos fortes servidos ao rei. Deviam também aprender a língua dos caldeus e, ao fim de três anos, serem apresentados a ele, a fim de que pudesse avaliar o progresso deles.

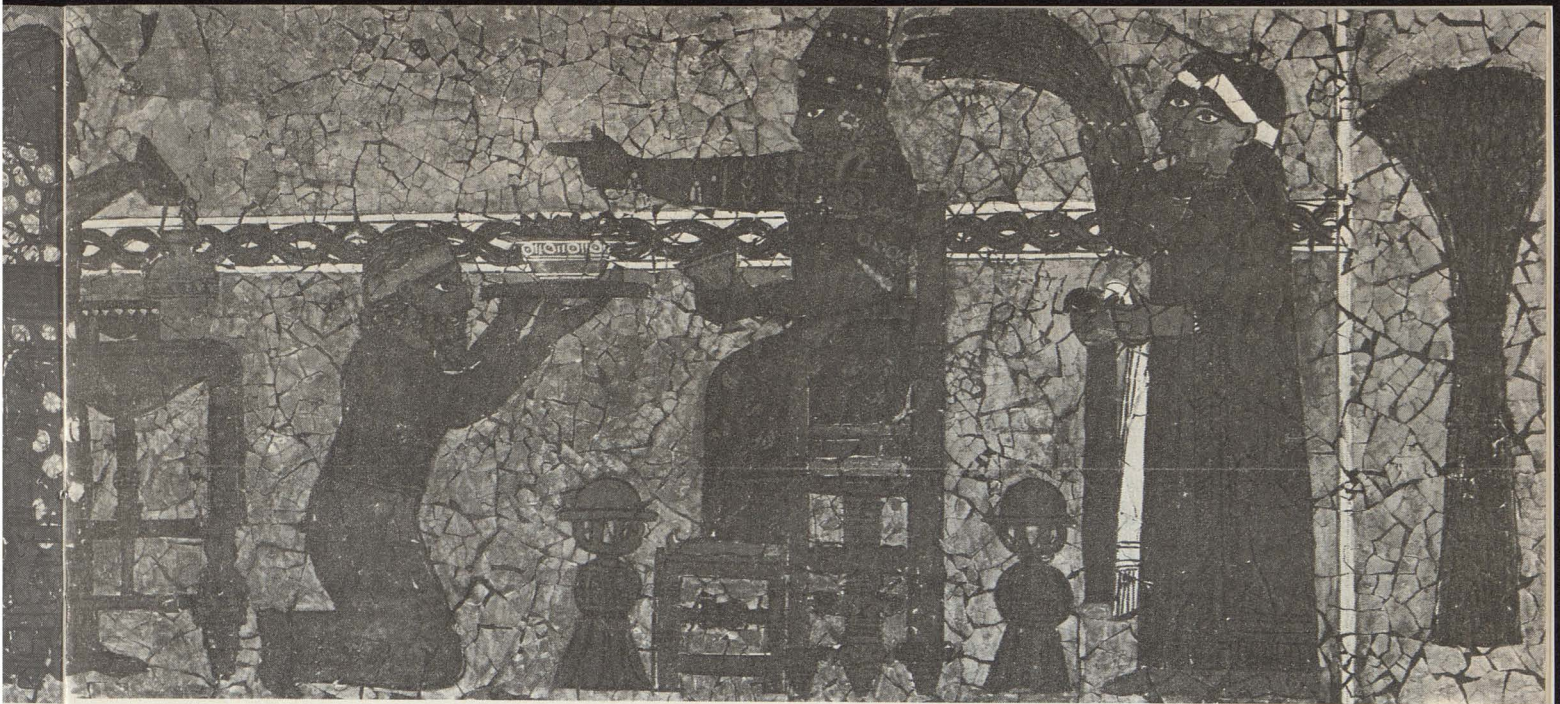
Entre esses filhos de Judá, encontravam-se quatro amigos, cujos nomes eram Daniel, Hananias, Mi-

sael e Azarias. Mas o chefe encarregado mudou seus nomes para Beltessazar (Daniel), Sadraque (Hananias), Mesaque (Misael), e Abednego (Azarias).

Daniel decidiu que ele e seus três amigos não comeriam aqueles alimentos insalubres, nem tomariam do vinho servido ao rei, e comunicou essa sua decisão ao chefe dos servidores.

O Pai Celestial tocou o coração do oficial encarregado dos cativos, o qual respeitava Daniel e até mesmo lhe tinha afeto de pai. No entanto, ele temia pela própria vida, se não desse aos israelitas os alimentos ordenados. Estava certo de que, se Daniel e seus amigos não comessem as mesmas coisas como os outros jovens israelitas, acabariam ficando magros, subnutridos e lerdos de pensamento.

Então Daniel falou com o despenseiro encarregado de cuidar das refeições deles, pedindo que os deixasse comer apenas legumes (couves, lentilhas, ervilhas, vagens etc.) e tomar água fresca durante dez dias. Prometeu que, se ao fim dos dez dias, eles não se mostrassem mais saudáveis e espertos em compa-



IGUAL A ELES

ração com os outros cativos, então comeriam tudo o que lhes fosse servido.

Melzar concordou com a proposta de Daniel, e passados os dez dias, os quatro rapazes estavam mais bem dispostos e gordos que os demais jovens israelitas. Quando o despenseiro viu a diferença, continuou a servir-lhes somente legumes e água, enquanto aos demais dava da comida e bebida do rei.

Além de terem corpos mais saudáveis e fortes que os outros jovens israelitas, o Pai Celestial abençoou Daniel e seus amigos com mais sabedoria e capacidade de aprender mais depressa. Daniel ainda recebeu o talento especial de interpretar visões e sonhos.

Terminados os três anos, Nabucodonosor mandou que lhe fossem apresentados os jovens israelitas cativos, a fim de verificar seu progresso e merecimento. Quando chegou a vez de Daniel, Hananias, Misael e Azarias lhe serem apresentados, o rei ficou surpreso não só com a inteligência e aspecto saudável deles, como disse que entre todos os israelitas não havia ninguém que lhes igualasse. E conversando com

eles, viu que “em toda matéria de sabedoria e inteligência... [eram] dez vezes mais doutos do que todos os mágicos ou astrólogos que havia em todo o seu reino.” (Daniel 1:20)

Exatamente como Daniel recebeu instrução do Pai Celestial sobre como manter-se física e mentalmente saudável e forte, Joseph Smith também foi instruído por Deus em 1833 a respeito de como os santos poderiam conseguir o mesmo.

Essa instrução recebida pelo Profeta Joseph Smith é conhecida como a Palavra de Sabedoria. É uma lei de boa saúde que traz bênçãos maravilhosas para todo aquele que a compreende e segue.

Leia com sua família a seção 89 de Doutrina & Convênios e veja como poderão achar “sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos...”, e como poderão correr sem se cansar, e andar sem desfalecer. (D&C 89:19-20)

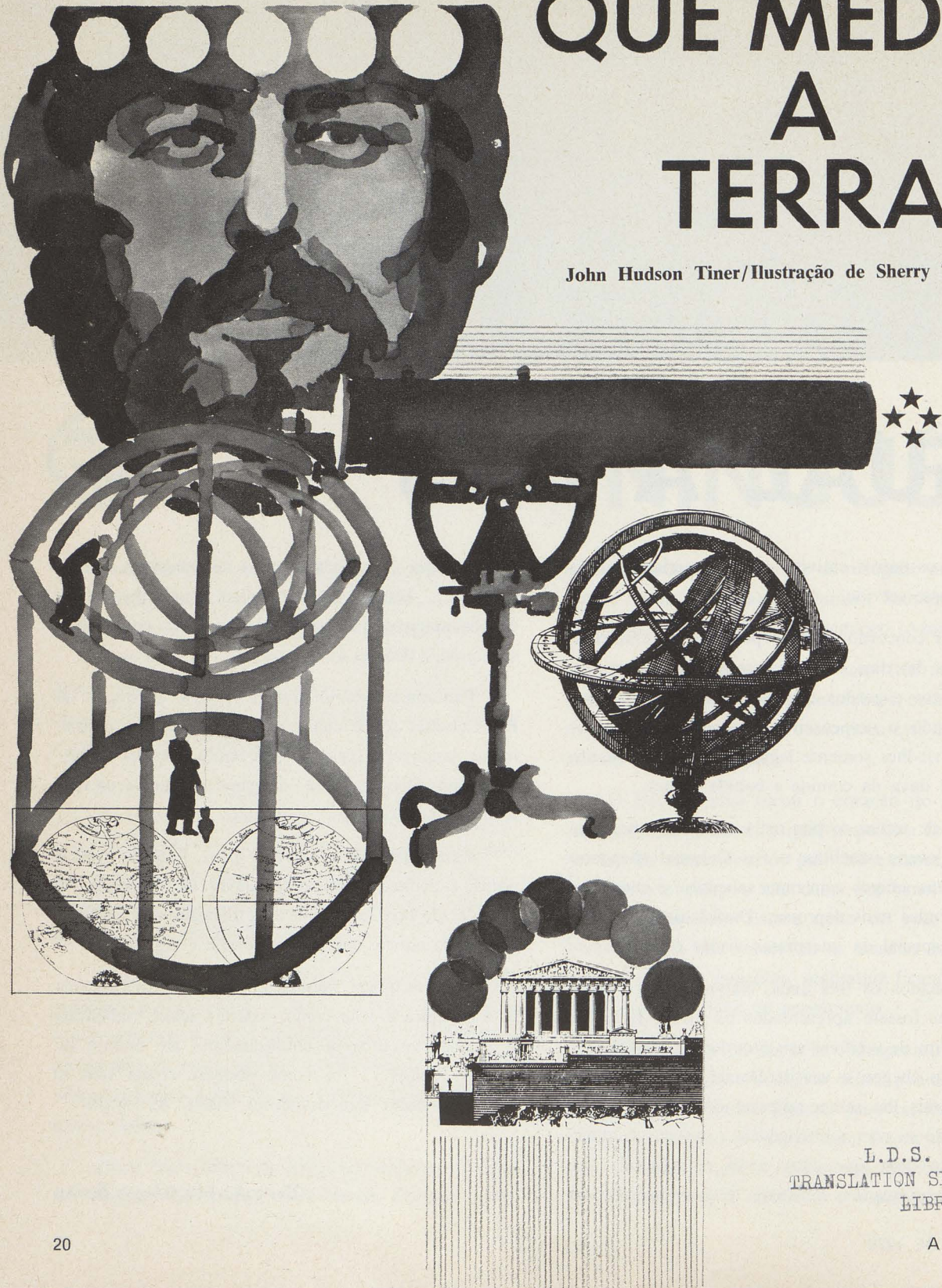
Ilustrado por Ginger Brown



O HOMEM

QUE MEDIU A TERRA

John Hudson Tiner/Ilustração de Sherry Thompson



O homem de hoje terá adquirido um intelecto mais desenvolvido? É mais avançado? Por muito tempo, os cientistas acreditavam que as pessoas de sua época tinham maior capacidade de raciocínio por terem mais inteligência do que os povos antigos.

Mas isto não é necessariamente certo. Velhos manuscritos da antiga Grécia falam-nos de um talentoso erudito grego chamado Eratóstenes, que viveu há mais de dois mil anos atrás.

Eratóstenes criou-se em Cirene, cidade grega na costa da Líbia, África do Norte. Estudou gramática no Egito, em Alexandria, filosofia em Atenas, na Grécia, e viajou extensamente.

Mais tarde, Eratóstenes foi nomeado bibliotecário de um grande museu de Alexandria, onde passou a dedicar-se à matemática, astronomia e geografia, matérias sobre as quais escreveu várias obras. Porém, seu feito mais assombroso foi calcular a medida da circunferência do globo terrestre. Os antigos gregos sabiam que a Terra era redonda. Só posteriormente é que outras civilizações recusaram-se a aceitar esse fato.

Se a Terra é um globo, raciocinou Eratóstenes, então qual será seu tamanho? Por seus estudos, Eratóstenes sabia que no dia 21 de junho, o dia mais longo do ano no hemisfério setentrional, ao meio dia o Sol se encontrava bem a pino sobre a cidade de Syene (atualmente Assuã), pois iluminava o fundo dos poços da cidade. Portanto, o Sol devia estar situado exatamente acima da cidade.

Na mesma hora e mesmo dia em Alexandria, o Sol jamais estava em direção bem vertical, pois os edifícios mais altos projetavam uma pequena sombra, e estas mostravam que ele se encontrava sete graus ao sul do zênite.

Daí, Eratóstenes concluiu que essa diferença de posição do Sol só poderia ser devida à curvatura da superfície terrestre entre Syene e Alexandria. Sete graus representam aproximadamente um quinquagésimo do círculo completo. Portanto, a distância entre Syene e Alexandria devia ser um quinquagésimo da circunferência total da Terra.

Assim sendo, Eratóstenes podia calcular a circunferência da Terra, medindo a distância que vai de Syene a Alexandria, multiplicando-a depois por cinquenta.

Mas qual seria a distância norte-sul entre as duas cidades?, perguntava a si mesmo. A exatidão do resultado do seu cálculo dependia inteiramente da exatidão dessa medida. Consultou os condutores de camelos, cujas caravanas seguiam a mesma rota entre as duas cidades há centenas de anos. Foi informado de que a viagem levava exatamente cinquenta dias para vencer os cinco mil estádios (medida grega de distância), equivalentes a cerca de oitocentos quilômetros.

Através de seus cálculos, Eratóstenes chegou à conclusão de que a circunferência da Terra medida aproximadamente 39.260 km, afirmando:

— A não ser pelo obstáculo da grande distância, poderíamos ir facilmente pelo mar da Espanha até a Índia!

Tal idéia continuou totalmente ignorada até 1492, quando Colombo se aventurou mar a fora, descobrindo a América.

A medida da circunferência da Terra calculada por Eratóstenes apresenta uma diferença de apenas um por cento. Os cientistas modernos simplesmente não conseguiam acreditar em tal coisa. **Como um antigo grego conseguiu usar um poço para determinar o diâmetro da**

Terra? perguntavam. A maioria dos cientistas, quando fazem um experimento pela primeira vez, esperam resultados com margem de erro muito maior.

Para os cientistas de poucos anos atrás, parecia quase impossível que Eratóstenes pudesse ter chegado a resultados tão maravilhosamente exatos. Ficaram embaraçados pela precisão de seus cálculos e tentaram provar que fora pura questão de sorte. Porém, não foi sorte não. Ele já havia feito outras experiências com resultados igualmente exatos.

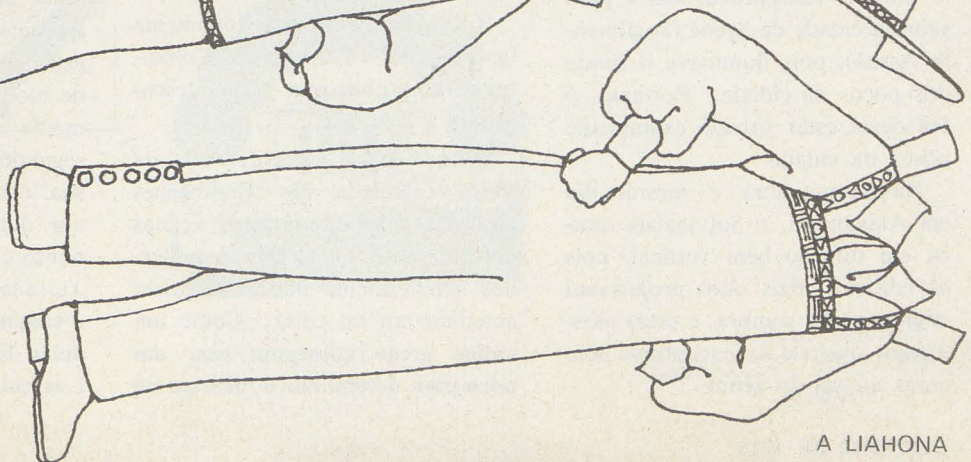
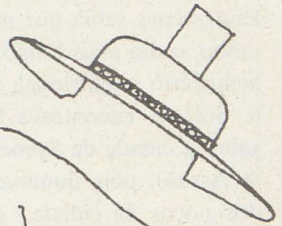
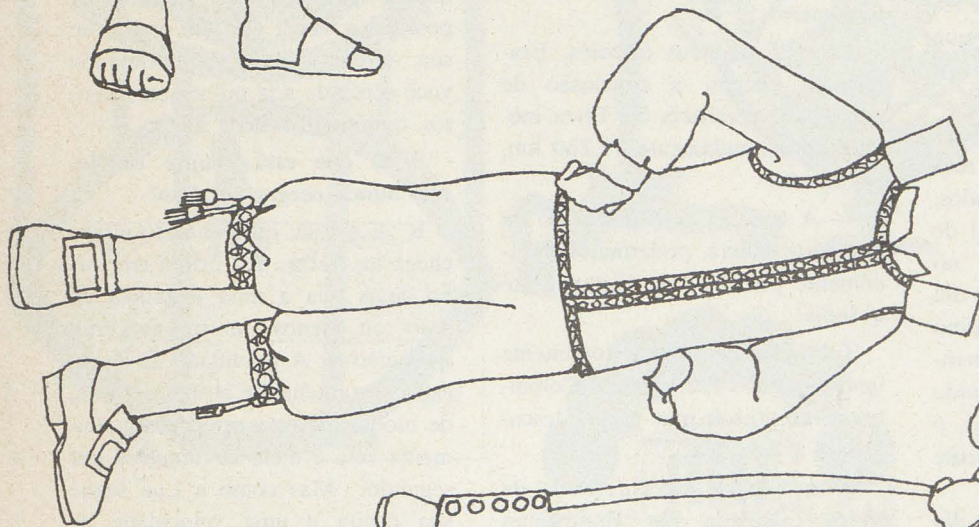
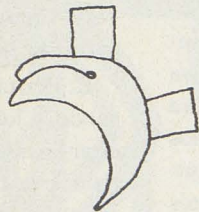
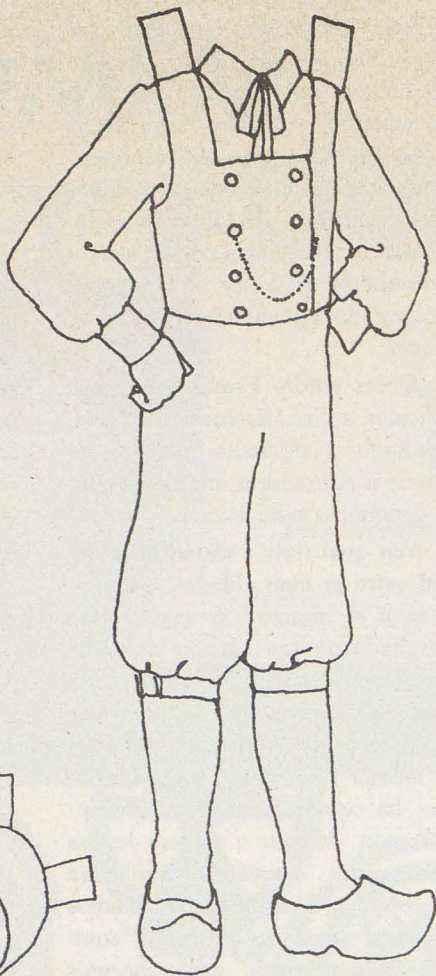
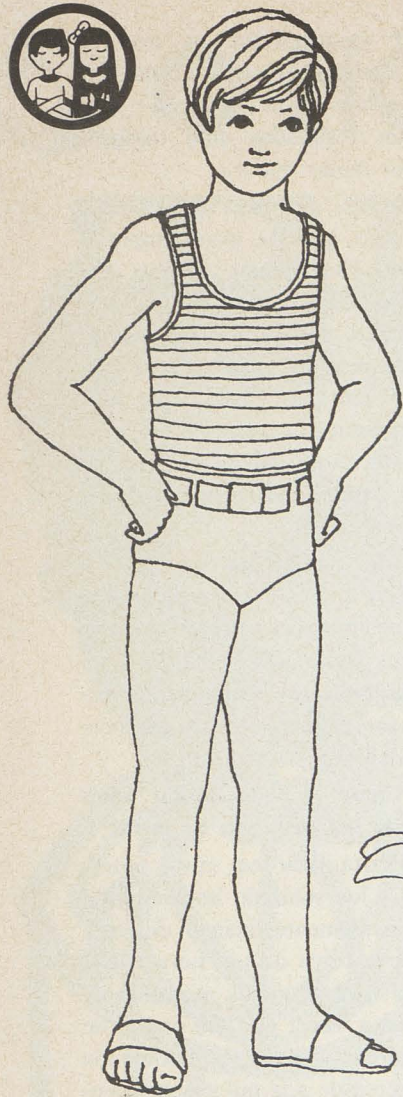
Agora os cientistas são forçados a admitir que os homens de épocas remotas eram exatamente tão competentes como nós, embora hoje em dia tenhamos equipamentos sofisticados para ajudar-nos em nossos cálculos.

P. Como se pode chegar mais perto da lua, sem sair da terra?

R. Basta ficar em casa, observando a lua subir do horizonte até estar exatamente acima de nós. (Isto leva cerca de seis horas). Enquanto você vê a Lua mudando de posição, a Terra gira um quarto de sua circunferência, aproximando você cerca de seis mil e quatrocentos quilômetros dela.

P. O que está sempre caindo, sem nunca chegar ao chão?

R. É a Lua, e no entanto nunca chega na Terra. Sua órbita em torno desta fica a uma distância de mais ou menos quatrocentos mil quilômetros. A gravidade da Terra está constantemente atraindo a Lua, de modo que esta cai aproximadamente sete e meio centímetros por segundo. Mas como a Lua segue sua órbita a uma velocidade de um quilômetro por segundo, ela nunca chega a cair. A gravidade da Terra tem a força exata para curvar o caminho da Lua numa órbita circular. Em lugar de cair na Terra, a Lua cai em redor dela.



Ser Um Digno Portador do Sacerdócio

Presidente Spencer W. Kimball

145a. Conferência Geral Anual,
Seção da Reunião do Sacerdócio,

5 de abril de 1975

O Sacerdócio é uma responsabilidade e um privilégio tão grande, que não se pode admitir iniquidade



Sentado aqui ouvindo os excelentes sermões destes meus quatro irmãos hoje à noite, senti o desejo de que todos os rapazes e todo homem neste mundo pudessem ouvir sermões assim para transmitir-lhes certos conceitos, certas idéias e certos padrões para seguir. Quão afortunados somos nós, os homens e rapazes da Igreja, por podermos ser instruídos e inspirados em nossa vida pessoal e em nosso trabalho na Igreja.

Gostaria de dirigir algumas palavras aos nossos oficiais executivos, particularmente aos bispos e presidentes de estaca, que são “juízes comuns” em Israel.

Vou ler-vos as palavras dos profetas e do presidente da Igreja em

outro século. O Presidente John Taylor é citado nestes termos.

“Além disso, tenho ouvido de alguns bispos que vêm tentando encobrir as iniquidades dos homens; digo-lhes, em nome de Deus, que terão de arcar pessoalmente com elas e enfrentar o juízo; e digo-vos que todo homem que brinca com a iniquidade, terá que assumir essa iniquidade, e se qualquer de vós deseja compartilhar os pecados dos homens, ou defendê-los, terá de os carregar. Ouvistes isto, bispos e vós presidentes? Deus os requererá de vossas mãos. Não sois colocados [nesses] encargos para brincar com os princípios de retidão, nem para encobrir as infâmias e corrupções dos homens.” (Conference Report, abril de 1880, p. 78)

Cito ainda George Q. Cannon, que também fez parte da Primeira Presidência:

“O Espírito de Deus ficaria indiscutivelmente tão contristado, que não só não perdoaria aos que são culpados desses atos, como se afastaria daqueles que permitissem que tais coisas fossem praticadas livre e impunemente em nosso meio; e a partir do presidente da Igreja, descendo por todas as graduações do Sacerdócio, haveria a perda do Espírito de Deus, um afastamento de

seus dons, bênçãos e poder, porque não tomaram as medidas cabíveis para reprimir e expor a iniquidade deles.” (Journal of Discourses, 26:139)

Pois bem, irmãos, poderíamos citar uma porção de outros irmãos no mesmo sentido.

Preocupa-nos que muitas vezes o líder entrevistador, devido à simpatia pessoal pelo transgressor e talvez pela amizade que dedica à família deste, tende a dispensar a disciplinação que o transgressor merece.

Freqüentemente o transgressor é perdoado, e todas as penalidades esquecidas, quando ele deveria ter sido desassociado ou excomungado. E outras tantas o pecador é desassociado, quando deveria ser excomungado.

Lembrai-vos do que disse o Presidente Taylor — vós tereis que arcar com tal pecado. Acaso estais dispostos a fazê-lo, irmãos?

Ainda vos lembrais do que disse o Profeta Alma? “Entretanto”, diz ele, “o arrependimento não poderia sobrevir aos homens, se não houvesse punição.” (Alma 42:16)

Refleti nisto por um momento. Compreendestes? Não pode haver perdão sem um arrependimento real e total, e não existe arrependimento sem punição. Isto é tão eterno quanto a alma.

Mais uma coisa: O presidente ou o bispo toma a decisão, e os conselheiros ou sumo conselho aceitam ou rejeitam-na. Mas o caso não é decidido por votação como faríeis em muitas coisas comuns.

Por favor, lembrai-vos dessas coisas, quando tiverdes diante de vós alguém que violou as leis de Deus.

É tão fácil deixar que nossas simpatias nos façam perder o senso de proporção; e quando um homem pecou, ele tem que sofrer. Isto é

um requisito absoluto — não exigido pelo bispo — mas pela própria natureza e o próprio ser do homem. Tal disciplinação é particularmente aplicável em se tratando de adultos e pessoas casadas, em especial se tiverem passado pelo templo. Eles precisam entender que não podem brincar com as santas leis de Deus.

Outro assunto que chamou-me a atenção há dias, é uma referência parcial de Wilford Woodruff a respeito de Joseph Smith. Ocasionalmente encontramos membros que possuem uma dose excessiva de falso orgulho. Se as coisas não vão como eles querem, então desistem. Quem já não viu alguém sair da ala e nunca mais “pisar” na capela, por causa de uma pequena alteração, talvez com o bispo ou outra pessoa qualquer?

“Não temos oportunidade alguma de sermos elevados no orgulho de nossos corações”, disse o Profeta, “quanto à posição que ocupamos. Se o presidente da Igreja ou um de seus conselheiros, ou se os apóstolos ou outro homem qualquer achar em seu coração que Deus não pode passar sem ele, e que é especialmente importante para levar avante a obra do Senhor, estará pisando em terreno escorregadio. Ouvi Joseph Smith contar que Oliver Cowdery, que era o segundo apóstolo nesta Igreja, lhe disse: ‘Se eu abandonar esta igreja, ela cairá’. Ele respondeu: ‘Oliver, tenta’. Oliver tentou. Ele caiu, não o Reino de Deus. Conheci outros apóstolos de meus dias e época que achavam que o Senhor não poderia arranjar-se sem eles, porém o Senhor continuou sua obra sem eles. Quero dizer a todos os homens, judeus e gentios, grandes e pequenos, ricos e pobres — que o Senhor Onipotente tem todo poder em si mesmo e não depende de ninguém para levar avante seu tra-

balho; mas, quando chama homens para fazer sua obra, estes têm que confiar nele.” (Wilford Woodruff, “Discourse”, Deseret Weekly, 6 de abril de 1890, 40:559-60)

E agora, meus irmãos do Sacerdócio, existe algo de muito especial neste encontro na reunião do Sacerdócio em cada conferência, quando pais e filhos estão juntos e vieram de longe para ouvir o programa da conferência.

Observo entre vós muitos jovens excelentes, e agrada-me profundamente ver o desabrochar daqueles que daqui a não muito tempo serão os pais e líderes, bispos e presidentes de estaca, e missionários também, a caminho do alto.

Dou-me conta de que, diante de mim, encontram-se centenas de jovens, muitos deles diáconos. Lembro-me ainda de quando eu era diácono. (Contudo, faz muito, muito tempo.) Eu achava uma grande honra ser diácono. Meu pai sempre mostrou consideração para com minhas responsabilidades e costumava emprestar-me a charrete e o cavalo para coletar as ofertas de jejum. Minha responsabilidade incluía a parte da cidade em que morávamos, mas mesmo assim, era uma longa caminhada até as diversas casas, e um saco de farinha ou vidro de frutas ou legumes em conserva, ou uma forma de pão tornavam-se bastante pesados, quando acumulados. Assim, a charrete era muito confortável e útil. Mais tarde, as ofertas passaram a ser feitas em dinheiro, mas no meu tempo eram em espécie. Era uma grande honra fazer esse serviço para o meu Pai Celestial; e embora os tempos tenha mudado e se dê dinheiro em lugar de mercadorias, prestar esse serviço continua sendo uma grande honra.

Sou um diácono. Sempre sinto orgulho de ser diácono. Quando vejo os apóstolos dirigindo-se para

o estrado na assembléia solene, a fim de abençoar o sacramento, e outros membros das Autoridades Gerais se aproximam das mesas de sacramento para receber o pão e a água e humildemente distribuí-los a todas as pessoas presentes, voltando depois com as bandejas vazias, sinto grande orgulho de ser um diácono, um mestre e um sacerdote.

Em nossas reuniões especiais no templo, quando os irmãos das Autoridades Gerais tomam lugar na mesa do sacramento para abençoar e depois distribuí-lo, meu coração volta a bater mais forte, e sou grato por ter o Sacerdócio Aarônico e o privilégio de cuidar do sacramento.

Então me lembro de que foi o próprio Jesus Cristo quem partiu o pão, abençoou-o e deu aos apóstolos, e sinto orgulho de fazer o mesmo. E recomendo-vos o que o Presidente Tanner e os outros irmãos acabam de fazer a respeito de ser digno de distribuir o sacramento e de mostrar reverência.

A vós, pais, gostaria de citar parte de um artigo de Walter MacPeck: Os rapazes necessitam de uma porção de heróis, como Tiradentes ou Rondon. Mas precisam também integridade inerente. Têm que encontrá-lo na rua, sair e acampar com ele, vê-lo em casa, no dia-a-dia; sentir intimidade bastante para fazer perguntas e conversar com ele sobre certas coisas de homem-para-homem.” (Fonte desconhecida)

Espero que todo pai proporcione este tipo de convivência íntima a seu filho. Espero que todo pai proporcione à sua família uma reunião familiar, uma oportunidade a todos os filhos e filhas de se exprimirem, de ajudar a planjejar a vida familiar, oferecer as orações familiares e de participar das reuniões familiares.

Rapazes, a vida tem um propósito real. Vosso Pai Celestial ajudou a prover-vos um mundo e a vossa vida, que poderá ser notável ou sem sentido. Isto depende unicamente de vós, e depois de atingirdes os doze anos de idade, muito se espera de vós. A vida que levais não é uma questão de sorte; é uma vida de coragem, de esforço e planejamento. Consta que pela lei judaica, aos doze anos o rapaz passa a ser considerado praticamente adulto. Suponho ter sido esta a razão pela qual o Senhor Jesus Cristo demorou-se no templo, quando seus pais lá o levaram, falando com inteligência com os líderes da comunidade, com os doutores da lei e pessoas influentes.

Bem, tendo um pai assim devotado, cabe a cada filho começar a construir uma vida que seja agradável ao Pai Celestial, a seus pais terrenos, e a todas as pessoas com que entra em contato. Durante os anos de crescimento, encontrareis muitos chamados que exigem coragem, conforme ouvistes tão eloqüentemente esta noite do Presidente Romney.

“Você é jovem, tem ainda toda a vida diante de si”, disse um capelão num navio prestes a afundar. “Aqui, tome isto”, e com estas palavras entregou seu salva-vidas a um dos soldados, e poucos minutos depois foi para o fundo com o navio.

Isso aconteceu a 3 de fevereiro de 1943, por ocasião do torpedeamento do navio transporte americano **Dorchester**. Nele havia quatro capelães, e todos eles disseram em essência a mesma coisa, entregando seus salva-vidas e sacrificando a própria vida — um era católico; dois, protestantes, e o quarto, judeu.

Não é necessário esperarmos a idade legal para começar a cons-

truir nossa vida. Isto deveria começar na infância e meninice.

É interessante notar que Jesus, o Senhor, tinha só doze anos quando foi ao templo, e apenas trinta e três ao ser crucificado. É interessante notar que o Profeta Joseph Smith recebeu a primeira revelação divina com menos de quinze anos; tinha apenas dezoito anos quando foi visitado por Morôni que lhe falou das placas. Aos vinte e dois recebeu as placas de ouro e a pesada responsabilidade que implicavam. Tinha somente vinte e quatro anos quando publicou o Livro de Mórmon e pouco mais que isso quando organizou o reino de Deus na terra, de acordo com o que lhe fora revelado.

É igualmente muito interessante saber que seus primeiros apóstolos eram homens ainda bastante moços, cuja idade ia dos vinte e nove aos trinta e seis anos. É quase inacreditável tamanho amadurecimento, força e personalidade em gente tão jovem.

A transformação de um rapaz em homem — todos vós tendes visto missionários partir e voltar, milhares, dezenas de milhares deles. O trabalho missionário o faz, se eles o permitirem. Quantas vezes já não vos despedistes de um rapaz de dezenove anos ao partir para o campo missionário, e dois anos depois, ao retornar, era um homem feito, alto e forte, intrépido e decidido.

O diretor de uma grande corporação respondeu assim à pergunta a ele feita: “Como o senhor faz um homem de um rapaz?” A pergunta foi levemente reformulada: “O que torna um homem em verdadeiro homem?” Goistei da resposta:

“Há muitas coisas, mas talvez aquela voz interior que escutou quando menino seja a mais importante. A voz que chamamos de

consciência e que dirige nossos pensamentos. O que se pensa pode traduzir-se em ação. E como ações repetidas formam hábitos, os pensamentos que estão tendo e o que estão fazendo neste momento tendem a revelar o tipo de homem que serão.

“Se me perguntassem o que um rapaz deve fazer hoje para ser um homem digno amanhã, eu diria: Nunca mentir e jamais trapacear. O mentiroso é um covarde. O trapaceiro, um covarde além de gatuno. Tendo coragem para honrar a verdade em todas as coisas, estarão a caminho do auto-domínio.

“Trabalhai com afinco. A mente é um depósito e vós é que encheis as prateleiras. Enchei-as com coisas de valor. Lembrai-vos de que os hábitos de trabalho e estudo que formam hoje são os que seguireis amanhã.

“Diverti-vos. Praticai jogos movimentados que exijam vigor e espírito esportivo. Obedecei aos regulamentos voluntariamente. Exigi que outros façam o mesmo.

“Honrai o Criador. Deus é a fonte de todo bem. A melhor forma de expressardes apreço pela herança inestimável que possuíis, é viverdes de acordo com o código: ‘Dever, Honra, Pátria e Deus’.

“Se fizerdes isso, e em todas as coisas derdes o melhor de vós, o intelecto, coração e alma que te-reis, um dia serão os de um verdadeiro homem.” (J. Edgar Hoover, fonte desconhecida)

O que conta é a atitude. Quando alguém quer ser alto, começa esticando-se para cima. Se quiser ser nobre, enverga suas vestes de nobreza. Se quiser voar, tem que conseguir asas. Se quiser ser justo, tem que revestir-se de justiça.

Existe a história de um tal Lorde George Hall, de outros tempos. É

um caso mítico; podeis acreditar ou não, mas ao menos aproveita a moral, se a encontrastes. “Lorde George havia levado uma vida iníqua; uma vida de bebedeiras, jogatina, trapaças nos negócios, e seus traços refletiam o tipo de vida que levava. Era um rosto horrível.

“Um dia apaixonou-se por uma simples camponesa, propondo-lhe casamento. Jenny Mere, a moça, respondeu que jamais poderia casar-se com um homem de rosto tão repulsivo e malvado; e também que, quando se casasse, teria que ser com um homem de traços angélicos, pois o rosto é o espírito do genuíno amor.

“Seguindo o costume da época, Lorde George foi procurar o Sr. Aeneas, na Bond Street, em Londres, que fazia máscaras de cara, e com tamanha perfeição, que conseguiam esconder completamente a identidade da pessoa. Como prova de sua perícia, consta que muitos devedores contumazes podiam andar tranqüilamente entre seus credores, desde que equipados com tais máscaras. Aeneas foi ao depósito, escolheu uma máscara, aqueceu-a e depois a fixou no rosto de Lorde George. E quando este se mirou no espelho, viu um rosto de santo, repleto de amor. Sua aparência estava tão mudada, que em pouco tempo conseguiu conquistar e casar-se com Jenny Mere.

“Então adquiriu um pequeno chalé no campo, quase que oculto por um roseiral e um pequeno pomar. Sua vida mudou completamente. Começou a interessar-se pela natureza; encontrou ‘sermões em pedras, livros em arroios, e o bem em todas as coisas’. Antes era um homem entediado, sem interesse algum pela vida; agora, estava absorvido na benevolência e no mundo que o cercava.

“Não se contentou em começar vida nova. Procurou reparar os er-

ros passados. Por intermédio de um procurador discreto, devolveu seus ganhos ilícitos aos que havia enganado. Cada dia trazia novo refinamento ao seu caráter, pensamentos mais belos à sua alma.

Acidentalmente, os antigos companheiros descobriram sua verdadeira identidade. Foram procurá-lo no seu pomar, instando que voltasse à vida devassa de antes. Quando recusou, eles o agrediram e a máscara foi-lhe arrancada do rosto.

“Ele abaixou a cabeça. Era o fim de tudo — de sua nova vida, de seu sonho de amor. Enquanto assim parado com a máscara caída aos seus pés, a esposa veio correndo e caiu de joelhos diante dele. Erguendo os olhos, o que encontrou? Um rosto linha por linha, traço por traço idêntico ao da máscara. Uma bela feição de traços regulares.” (Fonte desconhecida)

Não há dúvida de que a vida que alguém leva e os pensamentos que alguém tem, ficam claramente gravados em seu rosto.

Talvez me reste tempo de ler-vos umas breves linhas que creio possam interessar-vos.

Boato *

**Em toda cidade, em cada rua,
Em quase todas as casas também,
Quando pode, um diabrete se**
[insinua].

**Espreitando daqui e dali,
Assim que te pega de jeito
No teu ouvido põe-se a sussurar
Rumores d’alguma fraqueza**
[alheia —]

**Seu nome é Boatinho.
Ele nunca fala com certeza,
Apenas que soube por ouvir dizer;
Depois espera que o passes**
[adiante];

**Pois, desde que bastante espalhado,
O rumor, ainda que metira,
Adquire foros de verdade.**

* Tradução livre e aproximada. N. do T.

**Como vês, o diabrete
Nunca diz que viu ou tem certeza;
Apenas to sussurra ao ouvido
Porque sabe que o passarás
A outro falador igual a ti.**

**E assim, antes de findar o dia
Ele conseguiu aquilo que queria —
O mal está feito, e na vizinhança,
Desconfiança reina, dor e**
[mal-estar].

**Se acaso Boatinho der as caras,
Pergunta sempre qual a prova,
Indaga nomes, data e lugar.**

**Se não puder prová-lo,
Declara logo abertamente:
“Não acredito numa só palavra!
Nem vou atrás de tolo falatório.”**

Sempre que Boatinho aparecer
[sorrindo],
Recusa ajudá-lo em seu trabalho
[malfazejo].

Extraído de “Shell Happytime”

Irmãos, pergunto-me se alguns de vós já cantaram num tão belo coro masculino como o desta noite, composto de duzentas e doze vozes. Foi maravilhoso poder estar convosco. É glorioso poder servir ao Senhor nesta capacidade. Que grande privilégio o nosso de possuir esse precioso Sacerdócio, muito superior ao possuído por reis e imperadores. Quão maravilhoso é para cada rapaz ter esse privilégio juntamente com seus irmãos e pai. Que Deus vos abençoe, para que todas as coisas ditas nesta nossa reunião possam calar fundo em nossos corações e todos nós possamos delas tirar proveito.

Este é o trabalho do Senhor. Quero que vós, rapazes e homens, saibam disto. Sei que esta é a obra do Senhor e quero que saibam que eu o sei. E penso que vós o sabeis, e juntos prosseguiremos ao encontro de nosso sublime destino. Deus vos abençoe em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Sucesso é Medido pelo Auto-Domínio

Presidente N. Eldon Tanner

1.º conselheiro na Primeira Presidência

Auto-domínio é traçar um rumo certo — e ter a força de vontade de ir até o fim visado



Meus caros irmãos, é sempre um real privilégio, bênção e inspiração poder contemplar as faces dos portadores do Sacerdócio neste grandioso Tabernáculo, e pensar nas centenas de milhares que nos estão ouvindo por circuito fechado em inúmeros grupos espalhados pelo mundo. Que grande glória é pertencer-se à Igreja de Jesus Cristo e possuir o Sacerdócio de Deus, tendo a permissão de agir em seu nome! Quando nos lembramos dos milhares de portadores do Sacerdócio em todo o mundo, isto nos dá um grande incentivo, e sentimos vontade de louvar o Senhor.

Quando estivemos nas conferências de área na América do Sul, demos graças ao Senhor ao ver na reunião de liderança do Sacerdócio

145a. Conferência Geral Anual,
Seção da Reunião do Sacerdócio,
5 de abril de 1975

de Melquisedeque, em Buenos Aires, mais de mil e trezentos representantes da Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. Às sessões gerais das conferências, compareceram mais de cinco mil e quinhentos no Brasil, e acima de dez mil na Argentina.

É evidente que a obra do Senhor está progredindo e que seu reino está sendo edificado em todo o mundo. Os membros mostraram-se entusiasmados, e muito satisfeitos, quando o Presidente Kimball anunciou a construção de um templo em São Paulo. Tanto no Brasil como na Argentina, os membros prometeram-nos pleno apoio.

É sumamente encorajador e na verdade um testemunho da veracidade do Evangelho, observar a mudança na vida das pessoas que aceitam o Evangelho e vivem de acordo com seus ensinamentos, e ouvir os seus testemunhos.

Agora gostaria de contar uma pequena experiência que tive em Caracas, Venezuela. Uma noite, durante uma reunião de membros e investigadores, havia presentes umas quinhentas pessoas, segundo estimativa do Presidente Kimball. Ao levantar-me para falar, pedi que se pusessem de pé os batizados em 1975 e 1974, e a seguir, os

de 73, 72, 71, 70. A seguir, pedi que se pusessem de pé os que tinham mais de cinco anos de Igreja. Apenas três se levantaram, e estes eram visitantes. Isto serve para dar uma idéia de como o trabalho do Senhor está progredindo naquela área.

Hoje à noite, irmãos, gostaria de salientar e, se possível, fazer com que cada um se desse conta de quão grande privilégio é possuir o Sacerdócio; e também ajudarnos a todos nós a tomarmos a decisão de honrar o Sacerdócio e magnificar nossos chamados, a fim de podermos ser uma luz para o mundo e ajudarmos a edificar o reino de Deus, enquanto simultaneamente nos preparamos para a imortalidade e vida eterna. Não existe meta maior, nem progresso maior possível, nem maior alegria e satisfação experimentada do que nos decidirmos a aceitar Jesus Cristo como o Salvador do mundo, e viver seus ensinamentos.

Não tenho dúvida alguma de que todos aqueles ao alcance da minha voz, gostariam mais que tudo de preparar-se para a vida eterna e exaltação, e saber que o Senhor se agrada de seus atos. Todavia, existem muitos que não se compenetraram disso e alguns que não estão preparados a fazer o empenho necessário para viver de modo que mereçam essas bênçãos. Tendo isto em mente, gostaria de falar um pouco a respeito da autodisciplina, auto-controle ou auto-domínio, de tão grande importância para todos nós, se quisermos realizar o que nos propusemos e usufruir as bênçãos que tanto almejamos.

Primeiro, gostaria de citar alguns filósofos.

Dizia Platão: "A primeira e melhor vitória é conquistar o ego; ser

vencido pelo ego é, de todas as coisas, a mais vergonhosa e vil”.

E Leonardo da Vinci disse certa vez: “Nunca terás maior ou menor domínio do que sobre ti mesmo”. A seguir, prossegue, dizendo que “a grandeza do sucesso de um homem é medida por seu auto-domínio; a profundidade do seu fracasso, por sua auto-entrega... E essa lei é a expressão da justiça eterna. Quem não consegue dominar a si próprio não terá domínio sobre outros”. Em outras palavras, não pode ser um bom pai ou líder.

Salomão, com toda sua sabedoria, fez esta significativa declaração: “Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade”. (Prov. 16:32)

Existem no auto-domínio dois importantes elementos. O primeiro é traçar o rumo ou içar as velas, por assim dizer, dos padrões morais; o outro é a força de vontade, ou digamos o vento que enfuna as velas e nos impele para a frente. Conforme já disse, o caráter é determinado pela extensão do domínio próprio em busca de boas metas. É difícil dizer exatamente o que faz o bom caráter, porém logo reconhecemo-lo, quando o vemos. Ele sempre suscita nossa admiração, e sua ausência, nossa piedade. Porém, é em grande parte uma questão de força de vontade.

Creio ter sido Garrison quem demonstrou sua grande determinação ao dizer: “Não estou brincando — não me equivocarei — não excusarei — não recuarei um centímetro — e serei ouvido!” (William Lloyd Garrison*, Salutory Address of the **Liberator** 1.º de janeiro de 1831)

* Absolutista americano (1805-1879.)

Isto deveria aplicar-se a cada um de nós que estamos engajados na causa da justiça e da verdade.

Cristo provavelmente deu-nos uma resposta mais clara e definitiva a respeito de como obter sucesso, quando disse:

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela;

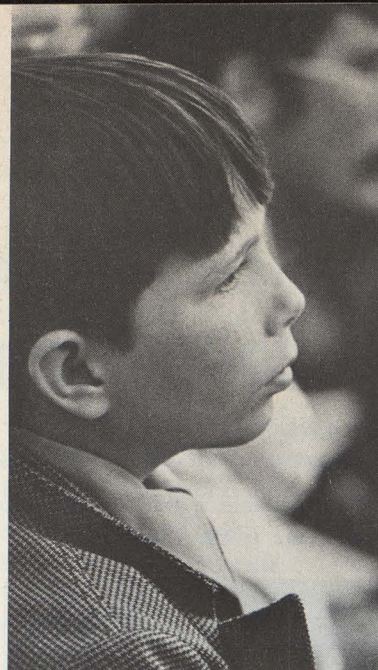
“E porque estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontram”. (Mat. 7:13-14)

Refletindo nisto, é tão evidente que aqueles que se mantêm no caminho reto e apertado que os leva à sua meta, dando-se conta de que a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos e que os desvios são muito perigosos, são os que vencem na vida e gozam a alegria da auto-realização. Isto requer auto-controle e auto-disciplina.

Por outro lado, aqueles que se esquecem de suas metas e deixam de disciplinar-se, acabarão vendo que estão seguindo por desvios e caminhos conducentes ao fracasso e destruição.

Há quem se queixe de que seguir o caminho estreito e apertado exige limitações, restrições, sacrifícios e passar sem algumas coisas assaz tentadoras. É preciso lembrar, contudo, que ele garante a vitória e realização de nosso objetivo, que se alcança estabelecendo a meta, e depois concentrando-se em seguir um rumo invariável.

Estreito é uma palavra muito significativa. Frequentemente somos acusados de ter mentalidade estreita, tacanha, quando seguimos o caminho estreito e apertado que, sem dúvida, exige auto-controle e



As 3 testemunhas do Livro de Mormon

espírito de sacrifício. Devemos compreender e estar preparados para aceitar o fato de que ele nos confina, restringe e limita sob certos aspectos. Porém, é preciso entender plenamente que não entrava ou agrilhoa a humanidade. Pelo contrário, é o caminho para a emancipação, independência e liberdade.

Lembrai-vos de que —

**Os altos por grandes homens
[conquistados e mantidos,
Não foram alcançados numa só
[arremetida;
Eles labutavam, passo a passo,
[encosta acima.**

Henry Wadsworth Longfellow,
"The Ladder of St. Augustine"

Lembra-vos também de que a natureza jamais paga uma conta a que não se fez jus, nem nunca deixa de pagar a merecida. Se quiserdes ter sucesso financeiro, se quiserdes ser felizes, ter saúde, ser moralmente limpos, se desejardes encontrar paz de espírito no sentido religioso, existe apenas um meio seguro, e este é o caminho estreito e apertado — o caminho da honra, o caminho do trabalho árduo, moderação, simplicidade e virtude.

Se quiserdes ter sucesso ou destaque em qualquer campo de atividades, é importante que resolvais, enquanto jovens, ser um grande rapaz em lugar de esperar ser um grande homem; e depois, terdes a coragem, força e determinação de vos disciplinar, aplicar o auto-controle e auto-domínio.

Um de meus netos é um excelente jogador de **badminton** (espécie de jogo de tênis. N. do T.) e campeão aos dezesseis anos. Ele o conseguiu correndo quilômetros e quilômetros todas as manhãs, e mantendo-se fisicamente apto. Sem negligenciar os estudos, ele treinou e treinou, guardou a Palavra de Sabedoria estritamente e seguiu os princípios de saúde ao pé da letra. Eu o admiro por isso.

Vós, portadores do Sacerdócio, onde for que estiverdes esta noite, deveis dar o devido apreço ao grande privilégio de possuir o Sacerdócio e que, ao aceitardes o Sacerdócio, fizestes com o Senhor um convênio de honrá-lo e viver à altura dele.

É extremamente importante que vos conservais limpos e puros, e não participeis de quaisquer práticas vulgares, imundas ou ímpias. Quando fordes à Escola Dominical

e reuniões sacramentais e tiverdes permissão para distribuir o sacramento em memória do grande sacrifício do Salvador feito por nós, certificai-vos de que sois dignos, que vossas mãos estão limpas e vosso coração, puro; que não fizestes nada durante a semana que vos tornasse indignos.

Ao comparecer a uma reunião sacramental outro dia, fiquei muito contente em ver os que administravam e distribuíam o sacramento usando camisas brancas e gravatas, bem arrumados e limpos; e durante todo o serviço, mostraram-se reverentes. Elogiei os rapazes e o bispo, e disse-lhes ter certeza de que o Senhor se agradara de como o sacramento fora administrado. O serviço sacramental é muito sagrado. Fico imaginando se seria possível o Senhor agradecer-se, quando deixamos de mostrar respeito e reverência.

Depois, ele também não pode estar satisfeito quando jovens portadores do Sacerdócio fazem ou dizem coisas que sabem ser erradas, durante a semana.

Anos atrás, meu neto mais velho que era diácono havia um ano, chegou para mim e disse:

— Vovô, tenho sido cem por cento desde que fui ordenado diácono, há um ano.

— O que você quer dizer com esse cem por cento? — indaguei, embora sabendo perfeitamente.

— Não faltei a nenhuma reunião sacramental, da Escola Dominical ou do Sacerdócio desde que fui ordenado diácono.

Congratulei-me com ele e disse:

— John, se você continuar cem por cento até ter idade de fazer missão, eu a financiarei.

— Combinado, — respondeu sorrindo.

Eu julguei-me totalmente a salvo, mas ele decidiu cumprir o acordo. Recordo ainda duas ocasiões em que exerceu auto-disciplina, a fim de conseguir o que se propusera. Numa delas, seu tio convidou-o a participar de uma excursão com ele e os filhos, na qual estariam fora um domingo. John perguntou se haveria possibilidade de ir às reuniões da Igreja no domingo, e quando foi informado de que não existia nenhuma capela por perto, respondeu:

— Não posso ir com vocês. Tenho que ser cem por cento de frequência, — sacrificando assim uma bela viagem à praia e uma ilha onde iriam divertir-se muito.

Outra vez, ele fraturou uma perna perto de um fim de semana. A primeira coisa que perguntou ao médico foi:

— Poderei ir às reuniões no domingo? Preciso ser cem por cento.

E foi mesmo, naturalmente de muletas. Ao completar dezenove anos, disse-me:

— Vovô, tenho sido cem por cento desde que fizemos o acordo.

Fiquei muito satisfeito em poder financiar sua missão, e tal feito exerceu profunda influência na vida dele. Tornou bem mais fácil disciplinar a si próprio e fazer as coisas certas e que lhe garantirão o sucesso.

É de suma importância que todo portador do Sacerdócio observe estritamente a Palavra de Sabedoria; que nunca se meta com fumo, chá, café, álcool ou drogas; que guarde o dia do Sábado; que seja honesto, íntegro e justo em todos os seus negócios que exerça auto-disciplina em todos os sentidos, a fim de assegurar que seja digno e aceitável ao Senhor.

Satanás trabalha sem parar, e com suas astúcias nos tenta através de nossos apetites, paixões e amigos a fazermos coisas que não são direitas e adequadas para nós. Frequentemente não só a nossa juventude como certos irmãos em altas posições sucumbem à tentação. Temos que estar sempre em guarda contra o maligno. Nunca devemos relaxar ou esquecermos de quem somos e o que estamos procurando conquistar.

Não faz muito tempo, tive a triste experiência de falar com um missionário que, antes de ser chamado para a missão, havia cometido uma transgressão moral. Nada disse ao bispo ou presidente da estaca. Na verdade, mentiu a respeito e seguiu para o campo missionário, culpado de transgredir e de mentir. Ele não foi capaz de conseguir o Espírito do Senhor e, finalmente, procurou o presidente da missão e admitiu seu erro. Estava profundamente arrependido e rogou ao Senhor que lhe perdoasse.

Ao conversar comigo, disse-me: — Estou preparado para ser excomungado ou seja lá o que for. Apenas quero voltar às boas com o Senhor e por ele ser perdoado.

Não nos podemos dar o luxo de vacilar. Devemos ter sempre em mente que estamos nos preparando para missão, casamento no templo, sreviços na Igreja, e de sermos exemplos edificantes, a fim de que outros sejam influenciados por nossa maneira de viver.

Quanta gente não costuma dizer: “Um cigarro, uma xícara de chá ou café, ou uma tragada de maconha não fazem mal, e um gole de álcool certamente não mata ninguém.”

Quero deixar claro que quem não toma o primeiro, nunca toma-

rá o segundo, e jamais se tornará um alcoólatra ou viciado.

O Senhor se interessa por seus repazes, onde estiverem e em tudo o que fizerem. Todos nós fomos preordenados para algum ofício ou algum chamado ou alguma posição e responsabilidade.

Quando o Presidente Kimball era rapaz, jamais poderia imaginar que viria a ser um apóstolo. Na verdade, ao ser chamado para o apostolado, conta ele, chorou e orou sem cessar, para que fosse digno.

Não desejo embarçar o Presidente Kimball, mas em parte alguma do mundo conheço melhor exemplo de um moço que, através de auto-disciplina e auto-domínio, tenha-se preparado tão bem para a posição que o Senhor tinha em mente para ele. Agora, como profeta de Deus, ele pede que todos os rapazes se preparem para fazer missão, estudando e mantendo-se puros, limpos, dignos, e economizando dinheiro para sua manutenção.

Quero dizer a todos os jovens que, se fizerdes o que o presidente da Igreja espera de vós, sereis felizes e mais bem sucedidos, e fareis muito bem e estareis prontos para qualquer chamado que eventualmente virá do Senhor por intermédio dos que têm sua autoridade.

Na conferência de área de Buenos Aires, conheci um moço que é chefe da Gillette Razor Company para toda a América do Sul. Quando garoto, ele se propôs a viver de acordo com os desejos do Senhor, manigicar todos os chamados no Sacerdócio. Da Argentina, foi para a Universidade Brigham Young onde se tornou presidente do corpo discente. Dali foi trabalhar na Gillette Company

nos Estados Unidos, e acaba de ser nomeado chefe da companhia em toda a América do Sul. Ele serviu como intérprete do Presidente Kimball em todos os discursos durante a conferência de área.

Falou-me de quão honrado se achava em ser intérprete de um profeta. Contou-me o quanto o Evangelho significava em sua vida e como se havia preparado para o trabalho que estava fazendo.

O Senhor está sempre à procura de homens em que possa confiar plenamente, que podem representá-lo no campo missionário; homens que mereçam confiança sob todos os aspectos e estejam preparados para ajudar a edificar seu reino.

Diz ele: “Esta é a minha obra e a minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39) Nós, os portadores do Sacerdócio, estamos sendo chamados por ele para ajudá-lo a divulgar o Evangelho e viver, e ajudar outros a viver, de modo que usufruam da imortalidade e vida eterna.

Desejo prestar meu testemunho a vós e ao mundo nesta Páscoa, de que Jesus Cristo vive e que é de fato o Filho de Deus vivo; que veio e deu sua vida por vós e por mim; que nos forneceu o plano de vida e salvação, que é o Evangelho que pregamos na sua igreja restaurada; e que somos guiados por um profeta de Deus, Spencer W. Kimball.

Que possamos aplicar os princípios da auto-disciplina e do auto-domínio, a fim de nos provarmos dignos das muitas bênçãos que recebemos como portadores do Sacerdócio, e sempre andarmos retamente perante o Senhor, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Precisamos de Homens Destemidos

Presidente Marion G. Romney
2.º conselheiro na Primeira Presidência

O maior tipo de coragem é sermos fiéis à nossa consciência e ao nosso Deus, sejam quais forem as circunstâncias



Irmãos do Sacerdócio, tenho em mente falar-vos umas poucas coisas a respeito da coragem. Existem vários tipos de coragem, dizem — coragem física e coragem moral.

Entretanto, sei por experiência, que alguém com coragem moral, isto é, alguém fiel a si mesmo, também possui coragem física. Em sua peça **Hamlet**, o grande Shakespeare faz um dos personagens, Polônio, instruir o filho sobre muitos aspectos de sua conduta. E conclui sua preleção longa com estas palavras:

Acima de tudo o mais, sê honesto consigo mesmo,

E tão certo quanto a noite segue o dia,

Não poderá ser falso com ninguém.
Tamlet, I Ato, Cena III

Todos possuem uma consciência é a raiz da coragem moral. A pessoa realmente destemida sempre seguirá sua consciência. Saber o que é certo e não fazê-lo é covardia.

145a. Conferência Geral Anual,
Seção da Reunião do Sacerdócio,
5 de abril de 1975

Na literatura de nossa Igreja, encontramos muitos exemplos de extrema coragem. Considerai, por um momento, o exemplo do Profeta Joseph Smith. Quando contou sua Primeira Visão ao ministro protestante local, foi esgarçado e ridicularizado duramente.

“Contudo, era um fato ter tido eu uma visão...”, diz ele. “Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e eles em realidade falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que tivera uma visão, entretanto era verdade; e enquanto eles me perseguiam, injuriando-me e dizendo toda espécie de falsidades contra mim, devido às minhas afirmações, fui induzido a dizer em meu coração: Por que me perseguem por dizer a verdade? Tive realmente uma visão; e quem sou eu para opor-me a Deus? Ou, por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo...” (Joseph Smith 2:24-25.)

O Profeta foi fiel a si mesmo, não só na mocidade, como durante toda sua vida. Dezoito anos após a Primeira Visão, ele e outros ficaram “confinados num edifício de tribunal, gelado, desguarnecido, inacabado” por várias semanas.

“Numa daquelas noites tediosas [conta Parley P. Pratt], ficávamos deitados como que adormecidos até depois da meia-noite, com os ouvidos e corações doloridos, tendo que ficar ouvindo durante horas as pilhérias obscenas, imprecações horríveis, blasfêmias medonhas e linguagem imunda de nossos guardas...”

“Fiquei escutando até sentir-me tão desgostoso, chocado, horrorizado e tão tomado de um espírito de justa indignação, que mal conseguia abster-me

de me pôr de pé e repreender os guardas; porém, não dissera nada a Joseph ou qualquer dos outros, embora deitado ao lado dele e sabendo que estava acordado. Subitamente, ele se levantou e falou com voz trovejante, ou como o rugir do leão, pronunciando, tanto quanto me lembro, estas palavras:

“SILÊNCIO, ó espíritos dos abismos do inferno. Em nome de Jesus Cristo, eu vos repreendo e ordeno que vos caleis; enquanto vivo, não tolerarei mais um minuto tal linguagem. Calai-vos, ou vós ou eu morreremos

NESTE INSTANTE!”

“Ele parou de falar, continuando de pé em terrível majestade. Acorretando, em uma arma; calmo, impassível e majestoso como um anjo, ficou olhando para os guardas acovardados, cujas armas estavam abaixadas ou caídas no chão; com os joelhos tremendo e encolhidos num canto ou agachados a seus pés, eles pediram-lhe perdão e ficaram quietos até serem rendidos.

“Tenho visto magistrados”, prossegue Parley, “envergando sua toga nas Cortes da Inglaterra, e criminosos sentados diante deles, cuja vida pedia de um fio; testemunhei uma sessão solene do Congresso em que se promulgam leis para a nação; tenho tentado conceber reis, com suas cortes reais, tronos e coroas; e imperadores reunidos para decidirem o destino de nações; mas dignidade e majestade vi somente **uma vez**, de pé, acorrentado, no meio da noite, numa masmorra de uma obscura aldeia do Missouri.” (**Autobiography of Parley P. Pratt**, pp. 209-211. Grifo nosso.)

O Profeta, sem dúvida, demonstrou grande coragem moral e física naquela ocasião.

Sua fidelidade a si mesmo e a seu Mestre eventualmente custou-lhe a vida. Mas também assegurou-lhe vida eterna e exaltação.

O Livro de Mórmon conta-nos da grande coragem de Néfi. Certamente recordais que, enquanto Léhi e sua família estavam acampados no vale de Lemuel, o Senhor ordenou-lhe que mandasse os filhos de volta a Jerusalém, a fim de conseguir os registros de Labão. Lamã e Lemuel resmungaram, dizendo ser “coisa difícil” (1 Néfi 3:5), porém Néfi, o irmão mais moço, disse: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7.)

Bem, eles voltaram a Jerusalém e lançaram sortes para ver quem iria entrar. Esta recaiu sobre Lamã. Ele foi falar com Labão, sendo acusado de roubar e ameaçado de morte.

Então ele voltou para junto dos irmãos sem as placas. Sabia que não as conseguiria e provou. Disse que deviam voltar para o pai. O jovem Néfi, porém, retrucou: "Assim como vive o Senhor e vivemos nós, não voltaremos a nosso pai no deserto até termos cumprido o que o Senhor nos ordenou." (1 Néfi 3:15.)

Então, por insistência de Néfi, foram à terra de sua herança apanhar o ouro, prata e outros objetos preciosos e tentaram comprar os registros de Labão.

Mas este cobiou os tesouros deles e mandou persegui-los por seus criados. E assim foram obrigados a fugir e esconder-se no deserto, na cavidade de uma rocha. Ali açoitaram... [Néfi e Sim] com uma vara". (1 Néfi 3:28.) Então apareceu um anjo e os repreendeu. Depois que o anjo se foi, Lamã e Lemuel murmuraram ser impossível conseguir as placas de Labão, que era "um homem poderoso e [poderia] comandar a cinqüenta, sim, mesmo matar a cinqüenta; por que, não a nós?" (1 Néfi 3:31.), disseram a Néfi. Mas este respondeu:

"... [o] Senhor é mais poderoso que todo o mundo. Por que não há de ser mais poderoso que Labão e seus cinqüenta ou mesmo suas dezenas de milhares?" (1 Néfi 4:1.)

Então eles seguiram Néfi de volta a Jerusalém. Néfi entrou na cidade e voltou com as placas. Grande foi a fé e coragem de Néfi.

Na época em que Léhi e seus familiares abandonaram Jerusalém, ali vivia outro jovem chamado Daniel, que havia de demonstrar grandeza durante sua vida. Em 597 A.C., exatamente três anos depois da partida de Léhi, Daniel foi levado para a Babilônia como cativo de Nabucodonosor. Ele começou a dar mostras de coragem pouco depois de chegar lá, quando ele, Sadraque, Mesaque e Abednego se recusaram a "se contaminar" com os manjares e vinhos do rei. (Daniel 1:8) Quer dizer, ele recusou-se a quebrar a "Palavra de Sabedoria", conforme era observada por seu povo na época, ainda que o rei houvesse ordenado.

Ele demonstrou extrema coragem, quando, interpretando o sonho do rei, disse-lhe ser "o decreto do Altíssimo" (Daniel 4:24) e que ele, Nabucodonosor, seria expulso dentre os homens e viveria com os animais do campo, comendo "erva como os bois" durante sete anos, até que reconhecesse "que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer". (Daniel 4:25) E depois recomendou ao rei que se desfizesse de seus "pecados... e... iniquidades". (Daniel 4:27; vide Daniel 4:20, 22, 24-27)

Podeis sequer imaginar a coragem necessária para um escravo cativo fa-

lar assim ao rei, cujos domínios, dizem os anais, chegavam "à extremidade da terra"? (Daniel 4:22) Bem, foi o que ele fez. E por estranho que possa parecer, ele sobreviveu ao velho monarca.

Quando esse mesmo Daniel foi convocado por Belsazar, sucessor de Nabucodonosor, a fim de interpretar os estranhos dizeres que vira escrito na parede, demonstrou idêntica coragem, dizendo a Belsazar o significado dos dizeres:

"Contou Deus teu reino e o acabou.

"Pesado foste na balança e foste achado em falta.

"Dividido foi o teu reino, e deu-se aos medas e aos persas". (Daniel 5:26-28)

Daniel não só leu a mensagem, como antes disso teve a coragem de dizer a Belsazar que tal julgamento ele próprio provocara com suas transgressões. Disse-lhe ainda que um dos seus pecados fora profanar os vasos que seu pai, Nabucodonosor, trouxera do templo de Jerusalém, e que outro era ter-se insurgido "contra o Senhor do céu". (Daniel 5:23, vide Daniel 5)

Diz o registro: "Naquela mesma noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus". (Daniel 5:30)

Dario, o meda que conquistou o reino, dividiu-o em cento e vinte províncias governadas cada uma por um presidente; e sobre estes colocou três príncipes, "dos quais Daniel era um". (Daniel 6:2)

Nesse cargo, Daniel teve oportunidade de demonstrar coragem em face de grave perigo. Os outros "príncipes e presidentes procuravam achar ocasião contra Daniel", pois tinham ciúmes dele, porém não encontraram nada para acusá-lo.

"Então estes homens disseram: Nunca acharemos ocasião contra este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus.

"Então estes príncipes e presidentes foram juntos ao rei e... [induziram-no] a estabelecer um edito real... que qualquer que por espaço de trinta dias, fizer uma petição a qualquer deus, ou a qualquer homem, e não a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões".

Assim que Daniel soube disso, foi imediatamente para sua casa, mandou abrir as janelas para que todos pudessem ver, "e três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças diante do seu Deus, como também antes costumava fazer". (Vide Daniel 6:4-7, 10)

Suponho que ninguém questionará o fato de que, sendo fiel a si mesmo e

ao seu Deus, Daniel demonstrou grande fé e coragem.

Bem, não será preciso ler o resto, pois sabeis perfeitamente o que aconteceu; ele foi lançado na cova de leões, porque o rei não podia mudar a lei dos medas e persas, e o Senhor fechou a boca dos leões para salvar Daniel.

Nem todos os atos de coragem são recompensados tão espetacularmente. Mas todos eles dão paz e satisfação, exatamente como a covardia, no final, sempre resulta em tristeza e remorso.

Sei disso por experiência própria. Quando eu tinha quinze anos, tivemos que sair do México por causa da revolução. De Los Pasos, Texas, meu pessoal foi para Los Angeles, onde arranjei um emprego no qual tinha que trabalhar com um punhado de inimigos dos mórmons, e por isso não disse que eu era um deles. Algum tempo depois, o Presidente Joseph F. Smith, vindo a Los Angeles, foi jantar em casa de meus pais — por sinal um jantar modesto; lembro-me ainda de que era bastante escasso. Colocando a mão sobre minha cabeça, ele falou:

— Meu rapaz, nunca se envergonhe de ser mórmon.

E durante minha vida inteira, lamentei não ter tido a coragem de enfrentar aqueles sujeitos ímpios.

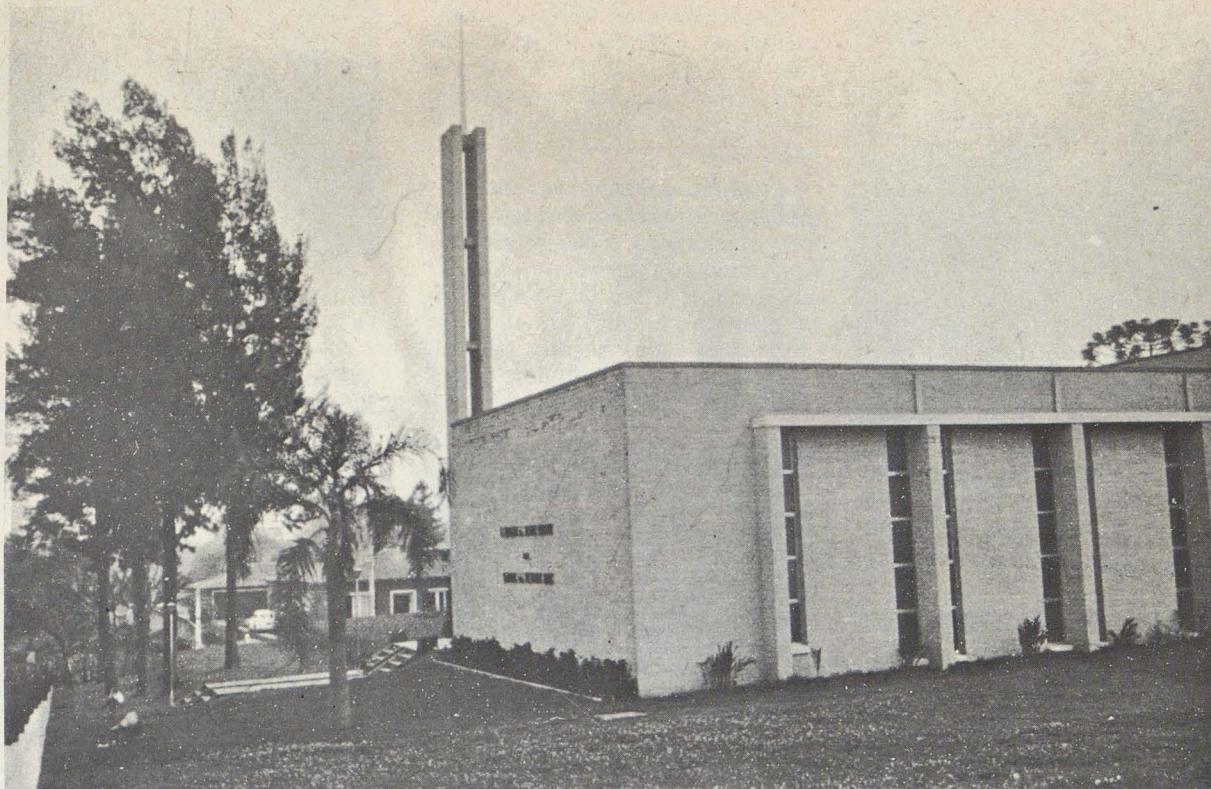
Recordo outra circunstância, durante minha missão na Austrália, quando fomos visitar as Cavernas Jenolan — maravilhosas e espetaculares. Durante o percurso no seu interior, o guia disse:

— Se algum dos senhores subir naquela rocha e cantar uma música, poderemos apreciar a acústica da caverna.

Bem, o Espírito sussurrou-me: Vai e canta "Ó Meu Pai". Eu hesitei; o grupo seguiu adiante e perdi a oportunidade. Sempre senti pesar sobre isso. A única coisa que me fez sentir que havia sido perdoado pelo Senhor, foi quando ouvi o Presidente McKay dizer: "Certa vez fui inspirado a fazer certa coisa, enquanto estava no campo missionário, e não o fiz. Isto sempre me causou tristeza desde aí. Nunca deixei de atender aos sussurros do Espírito. Vivei de modo a poder recebê-los, e depois tendei a coragem de seguir suas instruções".

Irmãos, como portadores do Sacerdócio, tomemos a decisão, todos nós, moços e velhos, de criar a coragem de sermos fiéis a nós mesmos e ao nosso Criador em todas as coisas na vida.

Que Deus nos abençoe nesse sentido, eu oro em nome de Jesus. Amém.



A Estaca de Curitiba Comemora o seu IV.^o Aniversário

A ESTACA DE CURITIBA REALIZOU SUA III.^a CONFERÊNCIA TRIMESTRAL DE 1975 E NESTA OPORTUNIDADE COMEMOROU O SEU IV.^o ANIVERSÁRIO.

O crescimento da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é realmente um fato comprovado. Podemos ver que o Evangelho está sendo divulgado, e em geral não existe pessoas que não tenham ouvido ou tido um contato com os missionários ou com algum membro da igreja.

Dentro da estrutura da Igreja de Jesus Cristo também podemos sentir que o progresso é real.

No dia 14 de setembro de 1971 organizava-se a Estaca de Curitiba.

O tempo passa, e no dia 14 de setembro de 1975 ela comemorou o seu IV.^o aniversário.

Contando com mais de 4.000 membros, a Estaca de Curitiba compõem-se de nove alas, sendo seis em Curitiba, duas em Ponta Grossa e uma em Joinville.

O IV.^o aniversário foi comemorado intensamente com um programa bem elaborado e com muitas atividades.



Chegada do Élder Bruce R. McConkie no Aeroporto Afonso Pena em Curitiba

As atividades foram realizadas nos dias 12, 13 e 14 de setembro de 1975.

O programa se desenrolou da seguinte maneira:

Dia 12/09/75 — 20:00 horas — Noite Cultural

Dia 13/09/75 — 08:00 horas — Copa — Torneio Futebol de Salão Inter-Alas (SAM) e Volei Boll (AIM)

Dia 13/09/75 — 15:00 horas — Reunião de Liderança do Sacerdócio

Dia 13/09/75 — 16:30 horas — Reunião Geral de Liderança

Dia 13/05/75 — 18:30 horas — Lanche de Confraternização

Dia 13/09/75 — 20:00 horas — Seção de Cinema

Dia 14/09/75 — 10:00 horas — Conferência Geral

MEMBROS DEMONSTRAM SEUS TALENTOS EM NOITE CULTURAL

A realização da noite cultural pelos membros de toda estaca foi coroada de pleno êxito.



A Sociedade de Socorro, juntamente com a A.I.M. e S.A.M. uniram seus esforços e trabalhos e fizeram um programa que agradou às 500 pessoas que ocupavam o salão cultural.

Cada ala apresentou-se magnificamente, demonstrando talento e boa organização. Folclore e músicas variadas foram apresentadas. O programa teve seu ponto alto com a apresentação da Ala VI que apresentou um jogral musical, muito inspirado cujo título e desenvolvimento falava sobre o "Livro



Apresentação no Show Cultural da Ala de Joinville

de Mórmon". Show de curta duração que deu visão objetiva das facetas que tornaram o "Livro de Mórmon" uma obra sem contradição, sem precedentes, e o maior missionário que nosso Pai Celestial delegou a humanidade.

Torneio Esportivo

A manhã de sábado esteve bastante agradável, a freqüência dos jovens colaborou para que o trabalho dos organizadores do torneio tivesse bastante sucesso.

Inicialmente foram dadas algumas instruções pelos organizadores e representante da presidência da Estaca.

Na quadra de futebol de salão foi realizado o torneio entre as alas com a participação do Sacerdócio Aarônico. Paralelamente a A.I.M. jogou Volei-Boll no salão preparado para a prática desse esporte.

Tanto o Sacerdócio Aarônico como as moças, que participaram do campeonato de Volei-Boll, tiveram um grande desempenho e demonstraram ser bons esportistas.



REUNIÃO DE LIDERANÇA DO SACERDÓCIO

Com a presença do Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze, presidindo a reunião de Liderança do Sacerdócio, foi dada continuação ao programa do sábado.

Estava também presente a esta reunião o atual presidente da Missão São Paulo Sul, Presidente Roger Beitler e sua esposa Sister Catherine Beitler.

Em seu discurso o Élder Bruce R. McConkie demonstrou o seu grande prazer em estar junto dos Santos do Brasil novamente. Salientou a grande espiritualidade existente na pessoa do Presidente



Jason Garcia de Souza, e o tipo de liderança que está se desenvolvendo dentro da Igreja no Brasil.

Falou de algumas coisas que classificam todos a serem líderes e fazerem um bom trabalho em todas as partes deste país. Deu ênfase a necessidade de programas para reativar os membros afastados.

"Todo homem que possui o Sacerdócio é um representante do Senhor".

O Élder McConkie dirigiu-se aos portadores do Sacerdócio ressaltando a importância dos ofícios existentes dentro do Sacerdócio de Melquisedeque.

Élderes, Setentas, Sumo-Sacerdotes, Patriarcas, todos terão que se aperfeiçoar para que possam



Atuais Patriarcas da Estaca de Curitiba

magnificar o seu chamado. O Élder Bruce R. McConkie além dessas considerações mencionadas deu valiosas instruções a todos, que, bem aplicadas, muito ajudará no progresso de cada um.

REUNIÃO GERAL DE LIDERANÇA

Com a presença dos Líderes da Estaca, presididos pelo Presidente Jasom Garcia de Souza, e a presença do Élder Bruce R. McConkie, foi realizada a Reunião Geral de Liderança.

Entre os presentes estava o Presidente da Missão São Paulo Sul, Irmão Roger Beitler, sucessor de Nelson Baker.

Em seu discurso o Presidente Roger Beitler demonstrou sua satisfação pelo chamado para ser presidente da Missão São Paulo Sul, sendo que aqui já trabalhou como missionário.

Salientou as dificuldades que estão tendo com as entradas de missionários americanos no Brasil, e da possibilidade de jovens brasileiros substituí-los.

Os jovens devem se aprimorar e manterem-se dignos para atender esse chamado.



Roger Beitler, atual Presidente da Missão São Paulo Sul

O Presidente Beitler, em suas considerações, salientou que o serviço missionário é a obra mais importante da Igreja. É preciso que haja uma colaboração entre membros e missionários.

O Presidente David O. MacKay disse que 'cada membro é um missionário.'

Nesta mesma reunião o Élder Bruce R. McConkie salientou que devemos aprender a ser como Jesus Cristo e portanto, devemos aprender a fazer as coisas que Jesus Cristo fez.

Se aprendermos estas coisas nós seremos como Jesus foi, e poderemos fazer o que Ele fez, e assim tornarmos-nos a luz do mundo, como ELE.

CONFERÊNCIA GERAL

Com a presença de 998 pessoas, com o ambiente dominado pelo Espírito do Senhor e com bastante reverência desenvolveu-se a última parte do programa de IV.º aniversário, a III.ª Conferência trimestral da Estaca de Curitiba.



Nesta ocasião o irmão Jasom Garcia de Souza, Presidente da Estaca de Curitiba, fez um relato dos quatro anos de atividades desenvolvido pela sua Estaca.

Descreveu o progresso da Estaca e deu as novas metas para o 5.º ano de atividades.

Disse ele, que o programa principal da Estaca de Curitiba para esse próximo período é o chamado plano I.R.B. (Integração, Reativação e Batismos).

Esta III.ª Conferência foi presidida pelo Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze, que juntamente com o Presidente da



Presidente Jason Garcia de Souza

Missão São Paulo Sul deu ótimas instruções a todos os membros ali presentes.

'Meu desejo é de que todos os jovens façam missão, que todas moças aqui no Brasil casem-se no Templo, que todas as famílias realizem reuniões familiares, que todos conheçam a alegria e tenham a felicidade de pertencer a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas para isto os missionários precisam de sua ajuda', palavras do Presidente Roger Beitler em seu inspirado discurso.

O Élder Bruce R. McConkie em suas palavras salientou a importância da construção do Templo. Exortou aos membros que se dediquem a essa maravilhosa obra.

Disse também: "para que o programa da Igreja possa ser completo é preciso que haja um Templo".

"Que todos prestem seus testemunhos desta Igreja, para que ela seja sempre crescente, forte e poderosa como tem sido até agora."



Elder McConkie falando aos membros da Estaca de Curitiba

Fotos e texto de:
José Glaiton Ferreira da Silva

O TEMPLO DE TÓQUIO

と
キ
コ
お
の
テ
ン
プ
ロ



Desenho de Emil B. Fetzer, arquiteto da Igreja, mostra o novo Templo de Tóquio da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que será construído em 5-8-10 Minami Azabu, Minato-Ku, Tóquio, em frente ao Parque Arisagawa, a pouca distância da estação de Hiroo da linha Hibiya, do metrô. O Presidente da Igreja, Spencer W. Kimball, que compareceu à con-

ferência da Igreja em Tóquio, anunciou os planos para a construção do templo que atenderá 64.000 mórmons residentes na Ásia, inclusive 25.000 do Japão. O templo, o 18.º do mundo, e o primeiro na Ásia, será aberto aos membros da Igreja para cerimônias sagradas, incluindo casamentos, que realçam a importância, santidade e natureza eterna do indivíduo e da família.

Confirmando o sólido fundamento de sua obra na Ásia, a 9 de agosto a Igreja anunciou seus planos de construção de um templo em Tóquio. O Presidente Spencer W. Kimball revelou os planos durante seu discurso de orientação geral para milhares de membros japoneses da Igreja reunidos na conferência geral de área realizada no Complexo Budokan em Tóquio.

O Templo de Tóquio será o décimo oitavo templo da Igreja em todo o mundo e primeiro na Ásia, disse o Presidente Kimball. O novo templo servirá aos sessenta e quatro mil membros da Ásia, abrangendo cerca de vinte e cinco mil no Japão, quinze mil e quinhentos nas Filipinas, oito mil e setecentos na Coreia, oito mil e quinhentos em Taiwan e quatro mil e cem em Hong Kong.

Disse ainda o Presidente Kimball que o sagrado trabalho realizado nos templos é um abnegado trabalho de amor destinado a estender os princípios salvadores do Evangelho a todos os homens e mulheres, tanto vivos como mortos.

A seguir enfatizou: "Este será para todos os povos dos países asiáticos, e todos desejarão ajudar a construí-lo e operá-lo e usá-lo.

"Isto significa que todos devem trabalhar juntos e sacrificar-se juntos.

"Jamais foi erguido um templo sem exigir sacrifício e árduo trabalho", disse ele.

"Ouvistes a declaração do Profeta Brigham Young prometendo centenas de templos. Naturalmente isso leva tempo, mas podemos prometer-vos mais templos na Ásia e nas ilhas do mar à medida que estivermos preparados para eles", acrescentou.

Disse o Presidente Kimball à congregação de Tóquio: "Desde que foi criada a primeira estaca japonesa em 1970, nós ganhamos centenas de milhares de membros no mundo inteiro.

"Quão gratos somos! O quanto nos orgulhamos de vós que tanto cresceram em número como também em atividade e eficiência.

"Quando o Senhor restaurou na terra o verdadeiro e eterno Evangelho e sua genuína Igreja, imediatamente fez saber aos membros que deveriam ser um povo construtor de templos."

O Templo de Tóquio será erguido numa propriedade adquirida pela Igreja há mais de quinze anos, atualmente ocupada pelos escritórios da Missão do Japão Tóquio, na seção Minato-Ku de Tóquio, 5-8-10 Minami Azabu, em frente ao Parque Arisugawa. O terreno mede pouco menos de mil e setecentos metros quadrados.

O templo foi projetado por Emil B. Fetzer, arquiteto da Igreja, o qual desenhou também o novo templo a ser construído em São Paulo, Brasil, e anteriormente os de Provo e Ogden, Utah, dedicados em 1972.

O Irmão Fetzer dirigiu igualmente o trabalho dos arquitetos que projetaram o Templo de Washington D.C., dedicado em novembro de 1974.

Ele informou que os edifícios existentes atualmente no terreno destinado ao Templo de Tóquio serão demolidos. Novos escritórios para a missão e uma sede para a Estaca Tóquio, Japão, deverão ser construídos em outra propriedade da Igreja nessa cidade.

As plantas detalhadas do Templo de Tóquio estarão terminadas em princípios de 1976; a construção, que deverá ser de um ano e meio a dois anos, está prevista para começar no primeiro semestre de 1976.

O templo terá um pavimento no sub-solo e quatro acima do nível do chão.

O andar térreo terá cerca de vinte e três por quarenta metros, e os superiores vinte e três por vinte e sete metros.

O corpo principal do templo erguer-se-á quase vinte metros acima do solo e a torre, realçada por uma estreita janela de vidro colorido, terá uma altura de cinquenta e seis metros. Em ambos os lados do templo haverá torres para elevadores e escadarias.

Projetado de acordo com o rígido código de obras de Tóquio para proteção contra abalos sísmicos, o templo será construído de concreto reforçado e aço, revestido de pedra branca ainda não escolhida, e terá instalações de ar condicionado.

Os freqüentadores entrarão no templo pelo andar térreo que abrigará, além dos saguões, escritórios para a presidência e coadjutora do

templo, e pessoal da administração; centro de jovens e creche; distribuição de roupa; sala de refeições; cozinha e lavanderia.

O pavimento térreo abrigará ainda, porém com entrada totalmente separada, um centro distribuidor de roupas para o templo.

O primeiro andar abrigará vestiários feminino e masculino, lindas salas para as noivas se arrumarem e receberem instrução, e uma sala de instrução para os noivos.

No primeiro andar haverá ainda um apartamento para o presidente do templo e sua esposa, servido por entrada separada, e que contará com dois quartos e banheiros, sala de jantar, sala de estar e cozinha.

No segundo andar se destaca uma pequena capela para cento e vinte pessoas, cinco salas de selamento, além de vestiários e salas de descanso para o pessoal do templo.

O terceiro andar abriga duas salas de ordenanças para cem pessoas cada, e a sala celestial.

O destaque principal do pavimento do sub-solo é a pia batismal, apoiada tradicionalmente no dorso de doze bois como era a pia do antigo templo de Salomão.

O sub-solo abrigará ainda além dos equipamentos mecânicos e depósitos, uma garagem para dezesseis carros.

Os jardins, embora necessariamente de área limitada, merecerão cuidadoso tratamento paisagístico no delicado estilo japonês. O muro de pedra que circundará o terreno apresentará seções fechadas por grades de ferro batido, a fim de permitir que os visitantes possam admirar os jardins.

Um fator decisivo para a escolha do local do templo, segundo o Irmão Fetzer, foi o fácil acesso ao sistema de trânsito de massas de Tóquio.

A Estação Hiroo da linha Hibiya do metrô de Tóquio fica a cinco minutos a pé do templo. Os representantes familiares que chegarão a Tóquio por via aérea, férrea ou marítima poderão seguir diretamente do ponto de desembarque para a estação central do metrô e de lá para a Estação de Hiroo.



No dia 31 de agosto próximo passado realizou-se o congresso dos rapazes, na idade do Sacerdócio Aarônico, nas dependências do Canil da Força Pública do Estado de São Paulo, situado ao norte da capital, próximo ao Horto Florestal.

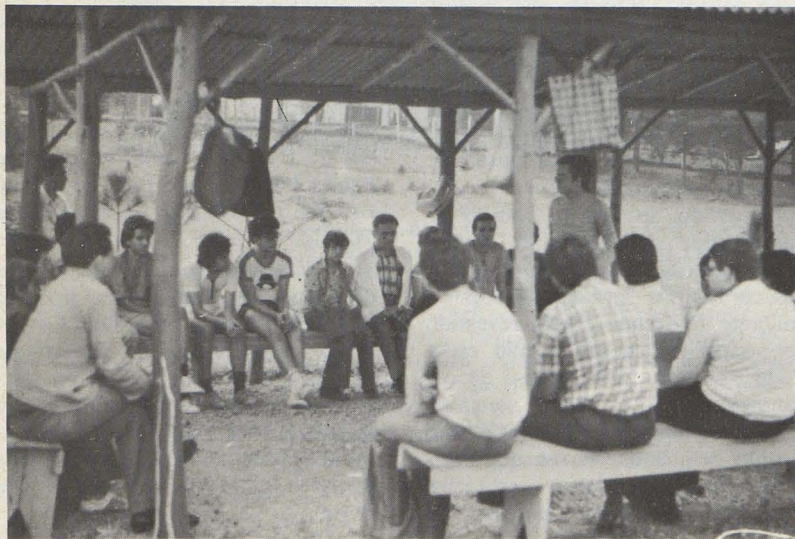
O dia esteve agradável, com bastante ar puro e muito sol, assim sendo o trabalho dos organizadores foi coroado de pleno êxito.

Inicialmente houve competição no campo de futebol para os mestres e sacerdotes e paralelamente

os diáconos brincaram na quadra de futebol de salão.

Tanto os sacerdotes como os mestres e diáconos tiveram um grande desempenho e mostraram serem bons esportistas.

Encerrada as competições esportivas, reuniram-se os jovens para que pudessem ouvir alguma coisa sobre opções vocacionais. Esta palestra procurou mostrar aos jovens presentes que eles já podem saber o que quer, saber o que ser na vida, o que esperar de uma determinada profissão.



Estaca em S

Reune S

Jovens e

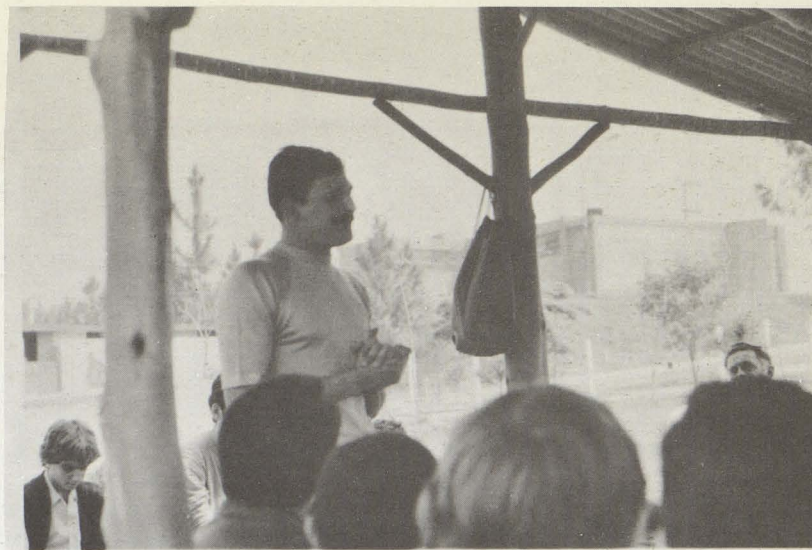
Congress

Para esta palestra sobre vocação e escolha de profissão, foram convidados irmãos de vários setores profissionais. Advogado, engenheiro, administrador de empresa, militar, todos deram diretrizes de suas ocupações.

Foram alertados a se prepararem para que possam ter defesa quando tiverem que enfrentar os problemas que a vida traz. É importante, disse o Bispo Mauro Todeschini, que os jovens se aperfeiçoem a cada dia.

“Para que haja progresso em toda profissão ou posição que o

m São Paulo e Seus is em resso



nal tem que estudar e se dedicar ao trabalho com bastante amor e carinho. Devem trabalhar com esforço para o aperfeiçoamento da raça humana.

Foram essas algumas considerações importantes feitas a todos os jovens ali presentes.

O congresso em sua segunda parte, contou com a presença de outros líderes, que também trouxeram algumas instruções valiosas.

Foi salientado aos jovens como a humanidade progride a cada dia que passa.

A juventude de hoje é uma juventude escolhida, estamos na época da preparação para 2.^a vinda de Cristo.

Existe hoje um período de transformação mais rápida, há um crescimento mais rápido, tanto físico como mental, espiritual e porque não dizer material.

No final da tarde, como última parte do congresso, todos tiveram a oportunidade de prestarem seus testemunhos, e demonstrarem mais uma vez que os jovens de hoje da Igreja poderão ser grandes líderes no futuro.

indivíduo tome, é preciso que se tenha bastante vontade e gostar daquilo que se faz, palavras importantes ditas pelo Tenente Alexandre, representante da Polícia Militar.

“A idade em que vocês estão é a melhor idade para que comecem adquirir experiência profissional”, frisou o Presidente Darcy Correa, conselheiro da Estaca São Paulo, em sua esplanção.

Os jovens devem ter em mente, que tudo que fizerem deverá ser o melhor possível. Um bom profissio-



L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

